

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAEDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
NÚMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

A parada

da Vitória
deve realizar-se
esta semana
em Berlim

BERLIM, 4.—(Do correspondente especial da Reuter, Denis Martin).—Uma grande parada da Vitória com forças britânicas, americanas, russas e francesas, deve realizar-se em Berlim nos fins desta semana.

As cerimónias do içar das bandeiras nacionais sobre as respectivas zonas de ocupação na cidade seguir-se-ão à cerimónia da Vitória. Embora a delimitação final das fronteiras dentro da cidade ainda não tenha sido feita, os britânicos terão a parte noroeste, incluindo as importantes localidades de Charlottenburgo, Wilhelmsdorf e a comuna de Grunewald. Há notícias persistentes de que as tropas francesas estão a caminho de Berlim para tomar conta duma parte da cidade, ainda não delimitada.

Ontem, os cidadãos de Berlim, perguntavam aos soldados, nas ruas, quando é que chegavam os britânicos. Retratos gigantescos, iluminados, de Churchill, Estaline e Truman erguem-se, em três grandes colunas, a pequena distância da porta de Brandenburgo, dominando a grande avenida de Charlottenburgo.

A inscrição por debaixo de cada retrato é a mesma: uma citação da célebre declaração dos «Três Grandes»: «E' nosso fim inflexível destruir o militarismo e o nazismo alemães e conseguir que a Alemanha nunca mais possa perturbar a paz do mundo».—(R.).

O povo inglês vota amanhã

Conservadores ou trabalhistas?

Os programas, as probabilidades e os homens

Realizam-se amanhã as eleições gerais na Grã-Bretanha. A importância deste acontecimento excede, em muito, os limites das fronteiras e dos interesses daquele país e por isso ele está a ser acompanhado com a mais viva curiosidade, e sob alguns aspectos até com transparente ansiedade, em todos os países do mundo.

A campanha eleitoral que precedeu a realização destas eleições foi excepcionalmente viva e animada. Os argumentos de ordem pessoal substituíram frequentemente as razões de ordem partidária que costumam, em geral, dar carácter inconfundível às eleições inglesas. O dialogo Churchill-Attlee, com alternativas diversas, prolongou-se ao longo de algumas semanas, entrecortado por intervenções violentas de Lord Beaverbrook, do lado dos conservadores, e do professor Harold Laski, do lado dos trabalhistas.

Pode dizer-se que, a partir de certo momento, o debate à volta das plataformas e dos programas eleitorais

A NOSSA SOBERANIA EM ÁFRICA

Uma centena de crianças indígenas

entoaram «A Portuguesa»
durante a visita do ministro das Colónias
a uma missão no Cazengo

VILA SALAZAR, 4.—O sr. ministro das Colónias continua a não perder um minuto nesta viagem de autentica inspecção. As manifestações de apreço repetiram-se durante o almoço, que se efectuou na Estação Agrícola de Cazengo, cujas instalações o ministro percorreu demoradamente.

O titular da pasta das Colónias visitou, depois, a missão católica, perto da Estação Agrícola de Cazengo, onde foi recebido pelos respectivos sacerdotes e por uma centena de crianças indígenas que entoaram a «Portuguesa». Foi um momento verdadeiramente emocionante, tão singelo era o espectáculo, mas tão rico de sinceridade. Uma das crianças proferiu uma alocução, saudando o sr. prof. dr. Marcelo Caetano, em termos expressivos, que envolviam o nome de Portugal. O sr. ministro das Colónias abraçou uma criança protegida da Missão Católica

de Cazengo, com quem conversou longamente.

Dali, o sr. dr. Marcelo Caetano dirigiu-se ao hospital do sector sanitário do Quanza, ao Norte de Vila Salazar, cujo director, sr. dr. Manuel Assoreira, tem desenvolvido notável acção, em especial no que se refere ao combate da doença do sono.

O sr. ministro das Colónias tem ligado igual importância aos problemas económicos e sociais. Tudo procura analisar com argúcia e inteligente visão, documentando-se o mais possível. Durante a visita ao hospital e respectivos serviços, os seus elogios foram francos e merecidos, pois a obra ali realizada honra bem as tradições dum país colonizador como o nosso.

O sr. prof. dr. Marcelo Caetano regressou ao seu gabinete e iniciou, imediatamente, os seus trabalhos práticos. Recebeu e conferenciou com muitos funcionários e pessoal de todas as categorias, antes do jantar que se realizou na Câmara Municipal, findo o qual seguirá para Malange.—(Lusitânia).

O banquete nos Paços do Concelho de Vila Salazar

VILA SALAZAR, 3.—O banquete, efectuado ontem nos Paços do Concelho em honra do sr. ministro das Colónias, foi acontecimento de relevo que, durante muito tempo, perdurará entre a população. Começou às 21 horas e teve a assistência da comitiva daquele membro do Governo, governador geral da Colónia, destacadas individualidades do concelho de Cazengo, etc.

Aos brindes, falou, em primeiro lugar, o presidente do Município, que saudou o sr. prof. dr. Marcelo Caetano a quem pediu que fosse portador de identicas saudações para o Governo de Portugal, de cujos dirigentes fez rasgado elogio. Concluiu com o voto de que a viagem do sr. ministro das Colónias prosseguia com êxito—com o mesmo êxito que assinou o seu início, com a inauguração do admirável porto de Luanda.

Em resposta, o sr. prof. dr. Marcelo Caetano, ao agradecer as homenagens, disse que tanto o notável melhoramento que representa o porto de Luanda, como toda a obra de reconstrução nacional, se deve ao sr. Presidente do Conselho, cujo génio político apreciou detidamente. Acentuou que o governo geral da colónia teve um gesto de incontestável justiça ao dar o nome do sr. dr. Oliveira Salazar a tão importante sede de intendência e terminou por acrescentar que bebia, portanto, pelo patrono da vila, homem verdadeiramente excepcional que Portugal havia encontrado no momento oportuno para seu engrandecimento e prestígio internacional.—(Lusitânia).

Davies foi a Londres

em nova missão

WASHINGTON, 4.—A Casa Branca anunciou ontem à noite que Joseph Davies, antigo embaixador americano na Rússia, fora enviado pelo Presidente Truman, em nova missão, a Londres.

Não foi revelado o fim exacto da missão.

O secretário presidencial, Charles G. Ross, disse que Davies seguiria provavelmente para a conferência de Berlim, uma vez que ficava já em caminho.—(R.).

Os ataques

aéreos aliados
ao Japão
causaram até maio
cinco milhões de vítimas

NOVA YORK, 4.—Uma difusão da rádio de Tóquio, captada em Nova York, diz que 4.900.000 japoneses foram mortos, ficaram feridos ou perderam as suas casas, em consequência dos ataques aéreos dos Aliados às cinco maiores cidades do Japão, onde ficaram destruídas 1.135.000 casas. Estes números referem-se até à data de 31 de maio ultimo.—(R.).

Ainda há guerrilhas

em actividade

na Holanda

LONDRES, 4.—Ainda se mantêm guerrilheiros em Scheveningen, na Holanda, que estão a ser procurados e perseguidos pelas forças Aliadas e pela Polícia de Haia.

Esta informação das ultimas escaramuças da guerra europeia—dois meses depois da capitulação alemã—foi transmitida em telegrama de Haia pelo correspondente do «Daily Mail», que acrescenta que esses guerrilheiros são, provavelmente, antigos soldados das forças S. S. holandesas. Em alguns casos, parece que esses homens têm passagens subterrâneas, estabelecendo ligações com as florestas, os campos e as casas demolidas pelos alemães ou em consequência dos bombardeamentos aéreos dos Aliados. Esta circunstância dificulta muito a perseguição. O correspondente diz ainda que em Scheveningen—outrora uma das praias mais em moda na Holanda—há generos alimentícios para três anos, mas deve lutar-se com falta de água. Assim, há a esperança de que se rendam pela sede.—(R.).

Espera-se em Londres

o reconhecimento

do governo polaco de união nacional

LONDRES, 4.—Nos círculos bem informados de Londres, espera-se para breve o reconhecimento do governo provisório de união nacional polaco, segundo o redactor diplomático da Reuter, que acrescenta que os governos britânico e norte-americano já receberam de Varsóvia a notificação oficial da composição daquele governo e também a garantia de que ele tenciona cingir-se às condições da fórmula aprovada na conferência de Yalta, pelas quais deve efectuar eleições livres. Pensa-se neste momento que o reconhecimento só pode ser retardado pela necessidade de fazer combinações políticas acerca dos problemas originados pelo reconhecimento do governo polaco de Londres.—(R.).

Um legado de 5 contos

à Casa Pia de Lisboa

A Casa Pia de Lisboa vai receber a doação de 5.000\$00 feita pela viúva do antigo aluno dr. João Marques Pereira, importância de cujo rendimento sairá um prémio anual.

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

(Continua na pag central)

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

MORTO A TIRO—Chegou já morto ao hospital de S. José, tendo o seu corpo sido levado para a Morgue, um indivíduo que aparenta 35 anos e que parece chamar-se António Feliz, que foi agredido com um tiro, na estrada de Bucelas.

A POLÍCIA PROCURA—A Polícia de Investigação procura uma servçal chamada Ilda que se ausentou da casa onde servia, de Manuel António Gomes, na avenida Almirante Reis, 221, 3.º, tendo roubado objectos de ouro e roupas no valor de dez contos.

A mesma polícia também procura Manuel Albuquerque que roubou ao seu patrão, Silvino Augusto da Silva, morador na rua do Ouro, a importância de 600\$00.

DEPOIS DE 12 ANOS—O sr. António de Almeida, residente na travessa de André Valente, 4 loja, queixou-se à Polícia de Segurança contra um comerciante da rua da Rosa, a quem emprestou, ha 12 anos, duas talhas, no valor de 1.200\$00, que o acusado, segundo o queixoso se recusa agora a restituir.

GATUNICES—Os gatunos furtaram a sr.ª D. Amelia da Silva, rua José Estevão, 80, diversos objectos no valor de 1.755\$00; e ao sr. André Martins, rua Gomes Freire, 193, 3.º, Quinta da Holandesa, ao Azeiteiro, o relógio e a carteira.

CONFRATERNIZAÇÃO ESCOLAR

No dia 8, pelas 13 horas, no restaurante Espelho de Água, realizou-se um almoço de confraternização dos alunos que frequentaram a Escola de Ferreira Borges, de 1921 a 1926. Podem registar-se inscrições, até depois de amanhã, na rua Nova do Almada, 102, na rua da Prata, 192, e no Espelho de Água.

CAMPISMO

Encerra-se hoje a exposição campista aberta na passada segunda-feira, no Triângulo Vermelho.

Na sexta-feira, na Academia Recreativa de Lisboa, realiza-se a representação da peça «Campistas».

Continua aberta a inscrição de campistas para o 1.º Acampamento Popular de 1945, a realizar nos dias 7 e 8, na mata da Trafaria.

MOVIMENTO MARÍTIMO

PAQUETES EM VIAGEM—O «Guiné» largou do Funchal para S. Vicente, em 25 do mês passado; o «Lourenço Marques» chegou a S. Tomé, em 30; o «Mouzinho» largou do Lobito para a costa oriental; o «Niassa» deixou Luanda, a caminho da metrópole; o «Colonial» chegou a Bombaim, procedente de Mormugão; o «Quanza» largou do Funchal para La Guayra Navios de carga—O vapor espanhol «Monte Arnabal», fretado por Portugal, é esperado no Tejo em 9 do corrente, com carregamento de produtos coloniais; os vapores «Ambriz» e «Vilas Boas» e o lugre «Rui Alberto», saíram de Gibraltar para Port Bou; o «Maria Joana» saiu de Mazagão para Lisboa; o «Cabo Verde» chegou a Filadélfia, onde é esperado hoje o «Vila Franca»; a barca «Foz do Douro» permanece em Filadélfia desde 31 de março último; o «Inhabane» vai em viagem de Lisboa para Filadélfia; o «Cunene» e o «Luso» chegaram, respectivamente, a Cristóbal de St. Thomás e a Tocopilla, portos chilenos.

As eleições inglesas são o grande acontecimento da actualidade internacional

Quere conhecer os programas e os projectos dos grandes Partidos que as vão disputar

Lê o livro do professor E. H. CARRE

CONDIÇÕES DE PAZ

que trata este assunto por uma forma completa e elucidativa

A venda em todas as livrarias

Pedidos á

EDITORIAL «SEculo»

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS, vias urinarias—Venero—Sifilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
Telefone 2 9082

Festivos e Memórias

EFEMÉRIDES

1900: Inauguração, em Vila do Conde, do Teatro Afonso Sanches, com a representação das comédias «Os Huguenotes» e «Paris em Lisboa», pela companhia do Teatro Carlos Alberto, do Porto.

Aniversários natalícios: a actriz Carmen Martins; os actores Clemente Pinto e Hernani Mufios (Hernani Cardinal Mufios); o poeta e escritor teatral Felix Bermudes (Felix Redondo Adães Bermudes) presidente da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses.

Atrás do reposteiro

Valerio de Rajanto vai reaparecer em Lisboa, na companhia Brunilde Judice-Alves da Costa, num curioso papel da peça «Se amas, obedece», que inaugura no dia 11 a época de verão no Avenida.

Amanhã realiza-se uma reunião de pontos e contra-regras, para a organização do seu núcleo.

Organizou-se uma nova parêlha de baile, com o nome de Rosalia e Borba, que se estreia brevemente no Parque das Camélias, do Porto.

O actor Joaquim Miranda está a organizar o espectáculo de inauguração do novo teatro de Colares, que vai realizar-se no próximo dia 8, com a assistência do Chefe do Estado e autoridades locais.

No Teatro Pinheiro Chagas, de Caldas da Rainha, tem-se estado a representar por amadores uma revista de costumes populares, intitulada «A vida é assim». Uma das amadoras que maior êxito têm alcançado chama-se Maria Efigenia Rodrigues. A revista vai dar mais representações a pedido do publico.

Estão a trabalhar numa revista ainda sem titulo, que será representada na época de inverno, os autores António Torres e Fernando Ferreira.

Vai mudar de titulo a farsa em ensaios no Ginásio, visto «A Ditadora» ser uma comédia ainda por representar, original de Luiz de Oliveira Guimarães.

Os bailarinos Lina e Salvador terminam no dia 15 deste mês o seu contrato no Pavilhão Português.

Os artistas portugueses Max Lossafan e Nolita realizam amanhã, no espectáculo do Pavilhão de Ilusionismo, na Praça da Alegria, de Feira de Pálhava, alguns numeros novos de alta magia.

Realiza-se brevemente a inauguração duma esplanada em Moscavide, com um espectáculo de variedades em que tomam parte varios artistas de teatro.

O artista lirico Jorge de Abreu pede colaboração com o fim de organizar concertos para os refugiados que se encontram na Ericira e Caldas da Rainha.

Cinema nacional

No Aeroporto da Portela, sob a direcção de Artur Duarte, foram ontem filmadas as primeiras imagens do novo filme português «E' perigoso debruçar-se», cujo argumento foi extraído de uma alta comédia de Gardel Poncelia e que será interpretado por Erico Braga, Oscar de Lemos, Cremilda de Oliveira e Teresa Casal.

O filme, que terá também uma versão em espanhol produzido sob a direcção de Alexandre Olhoa, estará concluido em fins de Agosto.

A acção do novo filme passa-se em Lisboa, em Nova York, Nice e Buenos Aires.

OBRAS DE VALORIZAÇÃO da Serra da Estrêla

PENHAS DOURADAS, 4.—No vale do Rosim está a construir-se uma grande barragem eléctrica, trabalhos em que se empregam centenas de operários. A região está a despertar um grande movimento de interesse turístico, estando alugadas todas as casas. Uma vez que seja aberta a lindíssima paisagem de S. Lourenço, as Penhas Douradas poderão desenvolver o seu turismo e acolher muitos mais visitantes.

CONFERÊNCIAS

No dia 9, pelas 22 horas, o sr. dr. José Cardoso fará, na Casa da Comarca de Arganil, uma conferência sobre a praia da Figueira da Foz. O conferente será apresentado pelo jornalista sr. Augusto Pinto.

Primeiras exhibições

«Marido por acidente», no São Luiz

Uma grande bailarina, Eleanor Powel, um original actor cómico, Red Skelton, atracções como Lena Horne e Hazel Scott, e uma orquestra moderna, a de Jimmy Dorsey. Com estes elementos fez Vincent Minnelli um filme agradável, com certa intriga e momentos de franca hilariedade, como o duma agitada noite de nupcias em que a noiva ingere o narcótico que preparava para o noivo. Eleanor tem dois bailados bem imaginados e executados, um á base do laço mexicano e outro no convés de um couraçado, e em ambos bem acompanhada.

Entre os complementos deste agradável filme, figura uma bela evocação, colorida, dalguns países da Europa de antes da guerra; a história dalguns cães recolhidos num asilo, onde não encontram a morte, mas sim humano tratamento, e ainda um jornal da guerra.—Visor 55.

RECINTOS DE DIVERSÕES

Depois de ter actuado durante trinta dias no Monumental Casino da Póvoa de Varzim, estreia-se amanhã, no «Deck-Bar» o quarteto Camaguey, notáveis interpretes das canções sul-americanas.

A parêlha de baile espanhol Hermanas Conde foi contratada pela empresa do Pavilhão Português, por intermedio da «Aia».

Ultima noite de um exito

O grande filme «O tesouro da ilha dos Tigres», só hoje, no Coliseu. Amanhã: estreias em «matinée», de 2 filmes: «Salvem a minha filha!» e «Dois abelhudos»

Despede-se hoje do publico, no Coliseu, o gigantesco filme «O tesouro da ilha dos Tigres» interpretado pelos «boy-scouts» americanos e dedicado á memória do saudoso presidente dos Estados Unidos da América, Franklin Roosevelt. Que ninguém falte, hoje, portanto, ao Coliseu, para ter o prazer de apreciar ainda uma grande película em que dois rapazes destemidos enfrentam perigos insuperáveis, numa ilha da América Central, em luta sem tréguas contra feras e tribus selvagens.

Amanhã, 5.ª feira, estreia de um formidável programa duplo do qual fazem parte os grandiosos filmes «Salvem a minha filha», com James Mason e Maryclare e «Dois abelhudos», o filme máximo das gargalhadas, com os cómicos Robertson Hare e Alfred Drayton.

CARTAZ TEATROS

NACIONAL—A's 22—«As duas mascaras».

GINASIO—A's 22—«A Hora H...».

CINEMAS

S. LUIZ—«Marido por acidente».

TIVOLI—«4 raparigas de branco».

EDEN—«Um raio de luz».

POLITEAMA—«Casablanca».

COLISEU—«O tesouro da ilha dos tigres».

ODEON—«O homem invisível contra a Gestapo».

CAPITOLIO—«A mania das antiguidades».

OLIMPIA—«A mulher tigre».

CENTRAL—«O irmão vingador».

TERRASSE—«A irmã do seu criado».

REX—«A cicatriz do mal».

PALACIO—«O homem invisível contra a Gestapo».

LYS—«A irmã do seu criado».

SALAO IDEAL.

CARREIRAS AEREAS

Partiu para Madrid o adido militar do Chile em Lisboa, sr. Alfonso Lizasoain Henriques, que deixa de exercer aquelas funções no nosso país, conforme noticiámos.

Regressou a Lisboa o coronel Iselin, delegado suíço do Comité Internacional da Cruz Vermelha.

Chegou a Lisboa e aterrou na Portela um bi-motor «Beechcraft», pilotado pelo coronel Cone, adido aeronautico americano no nosso país. O referido aparelho ficará ao serviço daquele diplomata e do capitão Briggs, seu adjunto.

Casa de Sam Jorge

PENSÃO DE LUXO

Rua 5 de Outubro CARCAVELOS

ACABA DE APARECER:

Estilística da língua portuguesa

Pelo Prof. M. RODRIGUES LAPA

Edição da «SEARA NOVA». Preço: 25\$00

O contra-veneno da gramática e dos gramáticos

Pedidos ao distribuidor, «Editorial Organizações, Ld.»—Largo Trindade Coelho, 8, 2.º, ou á «Seara Nova»—Rua da Roca, 240—Lisboa.

DE LUTO

José Santos Lima

Na sua residência, travessa do Jardim, á Estrela, 26, faleceu hoje o conhecido proprietario e agricultor sr. José Santos Lima, pessoa muito estimada pelas suas grandes qualidades de caracter. Estudara na Suíça, e era dotado de invulgares dotes de intelligencia, a que aliava bondosa compreensão e radiante simpatia. Era casado com a sr.ª D. Maria da Silva Carvalho Santos Lima, e pai de quatro senhoras, uma das quais casada com o sr. Rui Oliveira Silva. A toda a familia enlutada, á mãe do extinto, a sr.ª D. Eufrazina Santos Lima, e a seu irmão, o sr. eng. Alvaro Santos Lima, apresentamos a expressão do nosso sentimento. O funeral realiza-se amanhã, não se annunciando por expressa determinação do extinto, que aliava a todas as suas boas qualidades a duma sincera modestia.

Joaquina Fontes Manta

PONTE DE SOR, 4.—Com 21 anos, faleceu nesta vila a menina Joaquina Fontes Manta, irmã do funcionario da Camara sr. Francisco Fontes Manta e das sr.ªs D. Angelina Fontes Manta e D. Maria Fontes Manta e sobrinha do sr. José Sabino Fontes.

SUFRAGIOS

D. Manuel II

Sufragando a alma do sr. D. Manuel II, por motivo do aniversario da sua morte, occorrida em 2 de julho de 1932, celebrou-se hoje, na igreja da Misericórdia, missa, a que assistiram numerosas pessoas, entre as quais muitas senhoras.

Dr. Barroes Marinhãs

Para comemorar o 8.º dia do falecimento do dr. Barroes Marinhãs, sua esposa, sr.ª dr.ª D. Sanja Barroes Marinhãs, e sua filha D.ª Julia mandam celebrar missa de sufrágio amanhã, ás 10 horas, na igreja da Conceição Nova.

No Jardim Zoológico



A primeira página do «Sempre Fixe» de hoje é um engraçado desenho de Francisco Valença.

Os ruidos provocados pelas obras no elevador de Santa Justa deram pretexto a Botelho para uma curiosa página gráfica de «Ecos da Semana».

Pargana, Martinez e Ares são os outros artistas representados neste numero do popular semanário que apresenta colaboração em prosa e verso dos nossos melhores humoristas.

Numero avulso: \$50. Assinaturas: rua da Rosa, 57-2.º (telefones 20271, 20272 e 20273).

VIDA OFICIAL

O «DIARIO DO GOVERNO» PUBLICOU HOJE

Um despacho do ministro da Economia que fixa as taxas a cobrar pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários sobre carnes (\$14 por quilo a pagar pelos comerciantes), sobre lãs, sobre lactínicos e sobre peles.

Uma portaria nomeando o dr. Joaquim dos Santos Junior, professor do Instituto Antropológico da Universidade do Porto, para chefe da missão antropológica e etnológica de Moçambique.

O programa do concurso e caderno de encargos para a construção da barragem de Pego Longo, vales de Campilhas e S. Domingos.

EXPOSIÇÃO DE GLOXINIAS

Tem obtido grande êxito a exposição de gloxinias que o Instituto Superior de Agronomia em colaboração com a Camara Municipal de Lisboa tem patente ao publico na Tapada da Ajuda. Este certame, que se encerra no próximo domingo, poderá ser visitado todos os dias.

BORDADOS e ALTA COSTURA

Rua dos Sapateiros, 139, 3.º D.
Tel. 2 3754

VIDA MUNDANA

DOENTES

Saiu hoje, em convalescença, do hospital da Misericórdia de Cascais, onde foi há dias operada, a sr.^a D. Vera Cohen Espírito Santo Silva, filha do sr. dr. Ricardo Espírito Santo Silva.

—No mesmo hospital, foi hoje operada do fígado, pelo sr. dr. Luiz Quintela, encontrando-se bem, a sr.^a condessa de Seisal.

UMA «NOITE ANDALUZA» na «nau» da Feira Popular

A obra dos «Rapazes da Cidade» que, em boa hora, o chefe do distrito lançou e mantém—conseguiu já congregar em sua volta algumas valiosas e generosas iniciativas.

E' o caso da «Noite Andaluza», deslumbrante festival do próximo dia 6, que o famoso bailarino e cantor andaluz—actualmente entre nós—Miguel de Molina organiza e dirige, com a sua arte incomparável, a bordo da «Nau Catrineta» ancorada no lago da Feira Popular.

Os bilhetes que ainda restam—ao preço de 100\$00 por pessoa, entrada e marcação de mesa—são já em pequeno numero, não sendo por isso difícil prever um extraordinário êxito.

Carreiras de camionetas

MURTOSA, 3.—Aguarda aprovação da Direcção Geral dos Serviços de Viação a carreira entre Gardelhas e Bestida, a explorar pela Auto-Viação da Murtosa, Lda, durante os meses de agosto e setembro, com o subsídio da Junta de Turismo da Torreira.

Curso de Direito 1915-20

Os antigos estudantes do curso de Direito 1915-20 reúnem-se, no sábado, num almoço de confraternização, no Estoril, às 13 horas. Do programa de evocações faz parte, também, às 11 horas, uma visita à Faculdade de Direito.

Os srs. ministros da Justiça e da Educação autorizaram os funcionários ex-alunos deste curso, que vivem nas províncias, a deslocarem-se nesse dia a Lisboa.

UM ENTUSIASMO QUE NÃO ESMORECE

Lisboa inteira continua a aplaudir o mais retumbante sucesso dos ultimos tempos:

O Grande Luna Parque de Palhavã

Todos de lá saem sempre com a promessa de voltar. É como que uma Babilônia encantada que enfeitiça e domina os visitantes.

A Feira Popular de Lisboa

tem o condão surpreendente de dispor bem; cessam as tristezas, as discussões, os maus pensamentos, as arrelhas, assim que se transpõem os seus portões. Um prazer suave e inebriante apodera-se de todos ante o espectáculo maravilhoso de luz e cor que o cenário luxuriante das arvores centenárias enriquece

Aproveite estas tardes de Sol sem fim para jantar ao ar livre

Não se esqueça de provar as saborosas especialidades americanas.

VERBENA DE SANTA CATARINA

Calçada do Combro, 82



Hoje, até de madrugada: Baile, Fados e Guitarradas, pelos afamados artistas Julio Proença, Maria da Saudade, Isabel d'Oliveira, Julio Viçitas e Francelina Reis (Miuda da Mouraria), Francisco Carvalhinho e José Pais da Silva. Orquestra Monumental. Entrada: Semelhantes, 1.00; Cavalheiros, 1.50. Bem estar, selecção e ordem.

AS MAIS CATEGORIZADAS ATRACÇÕES ESTÃO NO :

DECK-BAR

ORGANIZAÇÃO
M I A M I

onde ontem a jovem e fornosa artista

MABEL VALENCIA

alcançou assinalado êxito nas suas canções

AS MELHORES NOITES DESDE AS 0,30 PASSAM-SE NO TERRAÇO DO CAPITOLIO

que apresenta a grande atracção :

LES MARQUE

e MARUJA CARRERES — INA MONTEMAR — HERMANAS SOLER — CARMEN VALLÉS

e a alegre

Orquestra CARAVANA

sob a direcção de FRED TRINSHER

AMANHÃ, ESTREIA DO Quarteto Camagüey

numa modalidade que vai surpreender

Pavilhão Português

às 21 e 30
ao ar livre

NO PALCO:

Variedades internacionais

Orquestras: Sousa Pinto — Muiros de Sobrê

NO ECRAN:

Legião Branca

com Claudette Colbert, Paulette Goddard, Verónica Lake

num filme que é um hino à acção das mulheres na guerra

Amanhã: Uma estreia sensacional: Ballet Lusitânia, composto de 12 formosas bailarinas



UNIVERSAL

ALTA CATEGORIA

Relógios Involgares

AS 0,30 HORAS

AR LIVRE E MEIO LIVRE

SEVILHA

AMANHÃ
Estreia do Ballet Lusitânia
com 12 formosas bailarinas portuguesas

PROGRAMA
Variedades internacionais
Orquestras Sousa Pinto-Muiros de Sobrê

ARCADIA

O DANCING N.º 1
DA CAPITAL

GRANDIOSO PROGRAMA DE VARIEDADES e as Orquestras

Os Vagabundos com a vedeta MARY-MERCHE

ARCADIA com o ALBERTO MARTI

AR CONDICIONADO

TEMPERATURA AGRAVAVEL



Marido por acidente

com Eleanor Powell, Red Skelton e Lena Horne



CASABLANCA

Hoje, A's 21 e 30

7.ª semana de um êxito raro!

TEL. 26305

ESIREIA

ODEON

O HOMEM INVISIVEL

A's 21 e 30

CONTRA A GESTAPO

PALACIO

com Ilona Massay e Jon Hall

A's 21 e 30

CAPITOLIO

No Salão às 21 e 15

TEL. 27493

A mania das antiguidades

TEL. 29656

CONTRA A LEI

LYS

A irmã do seu criado

TEL. 48560

O rei do azar

As 21 e 15

TERRASSE

A irmã do seu criado

TEL. 26947

O rei do azar

TIVOLI

4 raparigas encantadoras

A's 21 e 30

TELEF. 50595

com Alice Faye, Betty Grable e Carmen de Miranda

EDEN

5.ª SEMANA UM RAIO DE LUZ

A's 21,30

TEL. 2 0768

com Errol Flynn, Ann Sheridan e Walter Huston

CONDES

Tarzan na guerra

A's 21 e 30

com Johnny Weissmuller

REX

A cicatriz do mal A LOIRINHA DO PANAMA

TEL. 29656

As 21 e 30 h.

CENTRA

O irmão vingador Vidas paralelas

TEL. 24381

A's 21 e 30

CASINO

A arca maldita

ESTORIL

com Posita Yorza



TOIROS

em VILA FRANCA

Sabado, 7 de Julho às 10 e 15 da noite
Grandes Festas do «Colete Encarnado»
— 8 toiros puros 8 —

Lindas estampas de verdadeiros toiros de lide, das antigas e famosas ganaderias de

VAZ FREIRE e OLIVEIRA FERNANDES (J. O.)
os quais estarão em exposição no dia da corrida

Cavaleiros:
José Casimiro e Alberto Luiz Lopes

Espadas: o grande «matador» mexicano, famosissimo bandarilheiro

RICARDO TORRES

e o espanhol

MANOLO ORTIZ

formidável nos três «térceos» e excepcional bandarilheiro.

— 4 TOUROS EM PONTAS 4 —

Forcados: da Moita, com João Soeiro e de Vila Franca, com Augusto Linho
A's 18 horas: Grande espera de touros, conforme a tradição.

A C. P. desdobrá todos os comboios que a afluência de publico justificar e organiza um comboio de regresso às 2 horas.

Sol: 20\$00—Sombra-Sol: 25\$00

Bilheteira: Restauradores, 65

Aficionados: Ao «Colete Encarnado» a corrida de maior tradição de todo o Ribatejo!

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

HOJE — às 22 horas: Ultima semana da peça de Eduardo Schwalbach

AS DUAS MASCARAS

Um acontecimento teatral português

Segunda-feira, 9: Recita de homenagem ao Dr. Alfredo Cortes, autor da celebre peça ZILDA (numa unica representação)

Terça-feira, 10: TOVARITCH

GINASIO

TEL. 2556

HOJE

A's 22 horas

A sensacional comédia de flagrante actualidade

A HORA H...

Traduzida pelo Dr. Norberto Lopes e desempenhada pela

Companhia MARIA MATOS

LUSO

—A's 21,30—

Grandioso espectáculo de Fados, em que se ouvem os seguintes artistas: ANTONIO CARICIAS (o Rei do Riso), que realiza a sua festa artistica no próximo dia 9, Ressurreição do Nascimento, Alice d'Oliveira, Maria José, Augusto Pereira e José de Castro.

Acompanhamentos por Jaime Santos e Martinho d'Assunção.

RETIRO DOS MARIALVAS

A's 21 horas

Festa Artistica do popular cantor VERISSIMO PEDROSO com um grandioso programa de fados e exibição do entre-acto de Abel Pereira de Araujo

«Luz Bendita» Amanhã, fados e guitarradas.

PEÇA EM TODA A PARTE

ÁGUA DO ALARDO

PURÍSSIMA
DIFERENTE DE TODAS — NENHUMA A IGUALA

VIDA Literária

ROTEIRO INDISCRETO

Através do novo livro

de Aquilino Ribeiro

Há quem suponha *Lápides Partidas* uma autobiografia pelo facto de ser o eu, o detestável e tirânico eu quem tem a palavra. Mas é um processo. Não é por aí que vai o gato às filhoses. Vejamos personagem a personagem:

Libório Barradas. Este figurão, homem de letras incipiente, bibliófilo, pé fresco, é apenas um irmão siamês de Aquilino. Um contava vinte anos quando o outro tinha vinte e dois. Um morava na rua do Carrião, o outro na rua, acima, do Passadiço. Aquilino foi preso porque cedeu a casa a fabricantes de metralha; Libório foi para o *xelindró* porque escondeu no seu quarto uns quilos de inocentíssima pólvora bombardeira. Aquilino era natural do Carregal, Libório, de Caria, povoações dois quilómetros longe uma da outra. Libório amou uma aristocrata e foi amado; Aquilino, ao que se diz... Perdião, pisávamos terreno defeso. Como vêem, as distancias entre os dois são astronómicas.

Umberto Patarroxa. É Humberto de Avelar sem tirar nem pôr, com o seu nariz romano, o seu desdém por tudo o que significava materialidade, distinto musicólogo cuja palavra ao tempo fazia lei. Foi professor do Liceu de Macau e faleceu recentemente em Africa. Era uma figura extraordinária. De passagem pelo Cairo pretendia visitar as Pirâmides. Impossível, há greve dos automoveis. —Arranjem-me dromedários... —Dromedários, meu caro senhor, apenas existem já nos bilhetes postais. Só em comboio especial. —Pois venha o comboio especial! —E veio, ainda que Avelar andasse sempre mal endinheirado. Espiritualíssimo, era um patricio na Republica pataquieira.

O meu João. Fala a sr.^a D. Silvia Schlinder, pintado, aliás, com a maior delicadeza, iamós dizer ternura, e não é preciso pôr mais na carta. *Sacerdos magnus* da virtude burguesa, mandou passear a bela senhora que lhe ia pedir pelo amante a contas com a policia de Estado. Está certo o perfil. A Rocha Martins ainda há pouco ouvimos esta aneddotica saborosa: No momento de entrar no Ministério do Reino, onde ia celebrar-se Conselho de ministros, João Franco surpreendeu os colegas em grande risota. —Que foi? —Que foi? —Franco era do Alcaide e curioso. Adiantou-se Luciano Montenegro a contar a aventura erótico-picaresca dum colega trazida á colação. Voltando-se para o protagonista, Franco, meio sisudo, meio cáustico, apostrofou:

—Não lhe chega a sua mulher, seu porco?

Langroiva. Este director do *Beija-flor* ouve, mercê da sua importância literaria e editorial, assina com o seu nome os trabalhos dos novatos, cheia-me a invenção; pelo menos é híbrido. Na nossa Republica das letras, tão pouco escandalosa, quem poderia ser?

D. Flávia e a casa de hóspedes da rua do Crucifixo ainda lá estavam no mesmo n.º há pouco tempo. Os comensais todos sabem quem eram, inclusive aquêle senhor Sousa da Loja da América, muito curial e obsequioso com as freguesas: ao serviço de V. Ex.^a, minha senhora. Ainda os caixeiros não diziam: *Madama*.

Bemposta, Rolica. Todos vislumbam quem sejam. Mas o autor não os glorifica. Dá uma explicação racional da grande tragédia, que pode ser a boa ou não. A história o dirá, mais tarde.

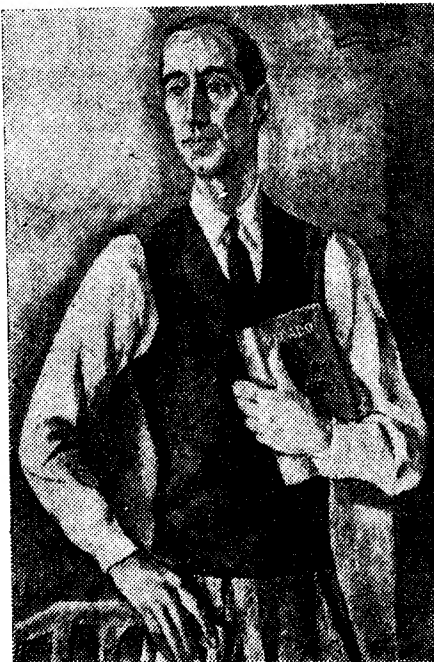
Martinha, Estefania Matagatos, a Ernestina galdéria... Ah, se fôssemos um diabo mau, o diabo boiteux, por exemplo, e levantássemos a tampa da boceta, ver-se-iam tais e tais

(Continua na 9.ª página)

O CANTO DE UM POETA

«Príncipe Perfeito»

de Pedro Homem de Melo



Nalgumas zonas da moderna poesia, a ideia, a forma e o ritmo perderam os seus valores? Contra tantas expressões ainda mal ajustadas, se não em crise de evolução, reage não com o velho labaro da escola académica, mas como

uma expressão vigorosa de sensibilidade Pedro Homem de Melo. Não é fácil definir o seu talento. Por similitude pode falar-se de Garcia de Lorca, mas, quanto a nós, ele está mais perto de um António Nobre, onde a saudade fosse inquietação metafísica, a tristeza espiritual um acorde da melancolia da natureza, e a vida, não uma retrospectiva do passado, mas a cinza, a amargura e a inanidade do presente. Os versos de Pedro Homem de Melo cantam para além das rimas e criam como que uma atmosfera de indecisão sobrenatural, de sonho esparso no qual o autor procura, constantemente, a chave do seu enigma humano, sentindo o tédio de todas as experiências pessoais. Isto quanto ao conteúdo, estranho e belo, feito de ressonancias, de incidências misteriosas, de vozes abafadas, que não se completam e divagam dentro de nós, vozeando como o mar dentro dos buzios nacarados. Quanto á forma, tem ardência e esplendor. Para Pedro Homem de Melo, como para os verdadeiros inspirados do verso, o lirismo é a intermédio entre a palavra e a musica. Sabe tanxiar lindamente, de rimas opulentas e sonoras os seus poemas, e, por vezes, na estranheza dos conceitos, requintados até á quintessência da harmonia. «Príncipe Perfeito» é, sem duvida, o seu melhor livro, a rosa de ouro de que «Estrêla Morta», «Pecado» e «Jardins suspensos» foram as primeiras florações triunfais. «Príncipe Perfeito» é prefaciado pelo dr. João Gaspar Simões, com a sua autoridade critica, o que é um precioso indicativo para o publico. Do formoso livro transcrevemos ao acaso:

Escuridão

Negra, sim, como os cravos são vermelhos,
Negra, sim, como a neve é branca e fria,
Negra como as mãos postas e os joelhos
Assim é negra a noite do meu dia.
Negra como o que penso e o que não dizes!
(Lembro não sei que passaro ao poente...)
Ai! a fronteira em todos os países!
Ai! um só fruto proibido e ardente!
Negra como a ignorancia e a realeza.
Dos braços que se cruzam com desdém.
Negra como a raiz oculta e preta
Como o nome (tão meu) de Pedro Sem!
Negra como os vestígios maus do sangue
E o destino de toda a Poesia...
Negra como esse corpo doce e langue
Que da sua beleza não sabia...
Assim é negra a noite do meu dia,
Negra como as mãos postas e os joelhos,
Negra, sim, como os cravos são vermelhos,
Negra, sim, como a neve é branca e fria...

PEDRO HOMEM DE MELO

O PRETO NO BRANCO

(Do «Diário de José Maria»)

O «animal imundo»

Três horas da manhã. Não há forma de dormir. E' das tais «noites brancas», noites de jogador que me esgotam. Salto da cama em «pijamas», num lago de agua e vou para a janela chupar um cigarro, que me sabe mal, me esalda a boca.

Não passa ninguém na rua. Estou numa destas horas vagas, de desespero a frio, arido como um deserto, profundo como uma lagôa de aguas pódres. Hoje não olho o céu, não contemplo, não cismo, não recorro. Hoje não tenho alma. Não sei porquê lembro-me de um jacaré que vi no Jardim Zoológico, imóvel como uma pedra, da cor da agua lodosa que o rodeava. Sinto-me como esse bicho, á espera que me passe alguma presa diante das mandíbulas ferozes. Mas não passa ninguém. A luz do candeeiro da esquina reflecte-se no empedrado de basalto como uma mancha oleosa. Os «rails» dos «eléctricos», poidos, cór de prata fôska, parecem besuntados de cebo e irrita-me o seu paralelismo rigoroso, geométrico, inútil agora que os carros não deslizam sobre eles. Tenho a pele escaldante, a carne moída, as articulações dolorosas, como se tivesse feito durante horas seguidas, um grande esforço. Doe-me—mas não sei aonde. Murmuro como num suspiro, de dentes rilhados:—que estupidez, tudo isto! Mas «isto» o quê? Sei lá! A noite, a solidão, as casas, a vida—eu próprio. E' tudo inútil! E' um desespero surdo, irremediável e imotivado. A luz do candeeiro á esquina hostis ilumina ninguém. Para que está ela ali, solitária e funebre? Como agora me parecem hostis as fachadas dos prédios fronteiros, silenciosas, feias, sordidas! Tinha vontade de que alguém agora me pedisse qualquer coisa, qualquer coisa que não me custasse nada a fazer, para eu responder com um «não» seco e decidido. Depois soffria, estupidamente, com pena, com remorso pela bestialidade da recusa. Que estupidez, que ridículo! Mas chorar é talvez mais agradável do que suar. E' menos porco, pelo menos... Um sino próximo dá as três horas.

(Cont. na 9.ª pag.)

PERFIS LITERARIOS

Adelino Mendes



ADELINO MENDES

Adelino Mendes é um mestre de jornalismo. Há meio século que a sua pena brilhantissima, no dia a dia da Imprensa, corre veloz e fecunda, dando-nos os mil cambiantes de uma profissão que abrange todos os generos, desde a literatura, no romance do «fait-divers» palpitante de emoção e humanidade, que nenhum escritor de ficção transcende, até á polemica ardente e contundente, á cronica de toque perfeito, improvisada com a instantaneidade de um relampago, e ao editorial, no qual se analisa um problema grave, marcando as verdadeiras coordenadas do interesse publico. Adelino Mendes das mais poderosas vozes do jornalismo português de todos os tempos. Não assina muito, como todos os grandes nomes que não precisam etiqueta para se impôr ao publico. A sua prosa vascular, latejante, luminosa, de um inverosimil poder de comunicabilidade, é, afinal, a sua melhor rubrica. Desde as «Terras Malditas», que o notavel jornalista, que mal tem tempo para fazer um livro, se impôs como um dos escritores mais empolgantes da nossa época. Escreve como respira.

Há anos, nos alvôres deste século, registou-se em Portugal um tremor de terra, que envolveu em luto e ruínas uma grande extensão do Ribatejo. Adelino Mendes voou. Quando, já tarde, regressou á redacção, encheu um jornal com as suas impressões, sem emendar uma frase, cortar uma palavra, eliminar uma virgula. Escutei-o dizer que nada se escreveu melhor. Pois é desse rincão de Portugal, não para evocar a catástrofe, mas para o saudar naquela prosa que sabe a terra, tem o calor do sol e o aroma dos frutos, que caracteriza, tão particularmente, o estilo de Adelino Mendes, que ele agora nos fala. «Aguarela Ribatejana» é mais que uma conferencia; é o florilegio daquela terra privilegiada que encontrou, plasticamente, não só um escritor, mas um pintor para a fixar, em tintas sádias e vigorosas, na sua plena e ridente beleza.

Cinzas da Vida

Lembro-me do dia daquele casamento como se fosse hoje. Era em Maio, por um Maio despojado de sombras doces nos caminhos poeirentos dos arrabaldes. Entrei na igreja e vi, em frente do altar, duas figuras de joelhos. Poucos convidados, num murmúrio solene de decisão e no fim um repicar de sinos continuado, persistente, alegre, muito diferente do aspecto do par que descia os degraus do altar-mor.

A noiva entrava na juventude e o noivo na velhice. Cheguei a casa doente. Correrá de baixo de sol horas e horas á procura de plantas para fazer um herbário. Tinha nove anos e aquele casamento tão diferente dos que me habituara a ver ficou no meu cerebro de criança como um estranho acontecimento.

Doia-me a cabeça e adoecei. Depois, quando passava á porta do casal a cujo casamento assistira ficava-me olhando as janelas. A poesia do amor que eu pressenti nos casais jovens não podia existir ali. Janelas fechadas, portas sempre fechadas e num jardim que, pelo lado direito, corria até ao fundo da casa. Nesse jardim um lago e caramanchões de lilazes. A parir, uma sombra morna e poetica que os meus olhos não entendiam. Mas oh! quem me dera aquele grande jardim!

Passaram anos e quando entrei na adolescencia o noivo de cinco anos antes ensurdecera e corria á pedrada os garotos que se lhe atreviam no jardim. Da noiva, a Irene Santas Noites que fôra costureira e tantos pontos dera nos meus vestidos pequenos, nem a sombra por detrás da vidraça. Mas, em frente da minha porta, passavam, de mãos dadas, graves e serenas, da meninas pálidas com uma criada pouco maior

(Cont. na 9.ª pag.)

RAMADA CURTO

CRÍTICA LITERÁRIA

I — Métodos intelectuais

Sou de opinião que todos os métodos intelectuais são bons quando postos ao serviço de personalidades verdadeiramente superiores. Isto habilita a concluir que todos os métodos intelectuais são maus quando ao serviço de personalidades verdadeiramente inferiores. Monsieur de La Palice não raciocinaria de outra maneira. Mas tal afirmação está sujeita a protestos. Há sempre quem esteja vigilante, á esquina da ética, pronto a refutar perigosas teorias. E' razoável. Mesmo aquele que se mostra capaz de sacrificar os interesses da moral ao prestígio da inteligência reconhece ao homem o direito de se defender do que é intelectualmente pródigo.

Que é que se entende por doutrinas perigosas? Haverá realmente doutrinas perigosas? Creio bem que as doutrinas são perigosas apenas para aqueles que estão antecipadamente preparados para se deixar corromper por elas. E' certo que o homem é sugestível. Mas apenas se deixa suggestionar pelas ideias que vêm ao encontro do que é nêle tendência inata. Cada inteligência está predisposta a aceitar certas ideias. As ideias não se difundem senão entre aqueles que não esperam mais que ser fecundados por elas.

Fidelino de Figueiredo, falando do germanismo, mostra como certas culturas europeias se impregnaram das doutrinas difundidas pelos mestres do pensamento alemão nos anos que se seguiram á guerra de 1914-1918 e conclue que a responsabilidade que cabe a essas culturas é quasi tão grande como a responsabilidade que pesa sobre os próprios pensadores germanicos. Assim será. Mas seja-nos permitido perguntar se de facto houve influência directa do germanismo sobre tais culturas e se tais culturas não se encontrariam já predispostas para acatar os princípios da cultura alemã. Eis-nos perante o problema da galinha e do ovo. Passemos adiante.

A verdade é que o fenomenologismo, método filosófico germanico, começa a ser considerado responsável do cataclismo cultural da nossa época. Fidelino de Figueiredo, sem abdicar dos métodos dos próprios fenomenologistas, formula um libelo gravíssimo contra eles. E' certo não citar especialmente nenhum dos mestres da cultura alemã posterior á primeira Grande Guerra. Presume-se, todavia, que os tenha em mente. Pelo menos é-nos lícito dizer que o método intelectual que emprega nos seus ensaios da *Cultura Intervalar* não difere essencialmente do método de um Max Scheler, notável fenomenologista, ou de um Ortega y Gasset, campeão da cultura germanica em Espanha durante o período que media entre a primeira e a segunda Grandes Guerras.

Inteiramente de acordo com as conclusões pessimistas a que chega o autor da *Cultura Intervalar*, não podemos deixar de reconhecer méritos ao método intelectual que ele condena. Mas nós, repetimos, fazemos parte do numero daqueles que encontram méritos em todos os métodos e doutrinas da inteligência, desde que sejam inteligentes...

Fidelino de Figueiredo é um dos ensaístas portugueses em cuja obra se encontra mais claramente esboçada uma «cultura intervalar». Não falando já no germanismo da sua formação mental, atente-se, apenas, em quanto lhe é simpático o pensamento dos ensaístas espanhóis tipo Gasset. E' muito possível mesmo que haja em Portugal quem seja capaz de acusar Fidelino de Figueiredo de convivência com essa mentalidade que sacrifica o prestígio da exactidão critica ao fulgor da intuição dinamizadora. Com efeito, este seu ensaio não nos permite duvidar de que na base do pensamento do autor da *Historia da Literatura Portuguesa* há um método contrário ao racionalismo critico que parece ser a doutrina que ele lamenta ver desprestigiada pela mentalidade dos ultimos vinte anos.

II — Um libelo

A especulação intelectual apoiada em conceitos que não têm por base uma observação positiva corre o risco de se extraviar. Fidelino de Figueiredo parte do principio, incontralável aliás, de que a primeira Grande Guerra foi o fim da cultura moderna. Entre 1918 e 1939 decorre um período em que a civilização atinge um tremendo potencial, mas a cultura desce á interinidade. «Cultura intervalar» quer dizer, na terminologia de Fidelino de Figueiredo, cultura interina, interregno provisório em que o homem, á mingua de um estilo de vida segundo o qual se determine em todas as manifestações da sua existência, se deixa dominar por ideologias efêmeras que beneficiam precisamente da ausência de uma «cultura» eterna. A Idade Média é, de certo modo, um período historico idéntico: intervalo entre a dissolução da cultura heleno-romana e o advento da cultura renascentista, durante ela foi possível um largo labor «civilizacional», sem um correspondente ideal de cultura. A Idade Média, segundo Fidelino de Figueiredo, faltou-lhe o potencial mistico ou guiador das ideias, o sistema de valores

Cultura intervalar, ensaios por FIDELINO DE FIGUEIREDO A Escola de Viena e alguns problemas de conhecimento, ensaio por EGÍDIO NAMORADO

centrais da vida—uma vez que o cristianismo, supomos nós, não é para Fidelino de Figueiredo uma cultura, mas uma religião, ou seja, uma norma de vida extra-terrena. Só assim, realmente, poderemos compreender que a Idade Média seja considerada um período historico desprovido de «cultura». E o facto de não termos a certeza de que assim seja depõe desfavoravelmente quanto ao ponto de vista de Fidelino de Figueiredo, uma vez que ele não é tão «critico», tão «objectivo» que a nossa inteligência o acate sem hesitações. De facto, há seja o que for de hesitante no fundo do pensamento do autor da *Cultura Intervalar* (Editorial Nobel. Coimbra). Fidelino de Figueiredo parece-nos vítima de certos defeitos que aponta á propria cultura criticada.

Seja como for, o certo é que este seu livro debate uma série de problemas do maior interesse no limiar desta nova época, ponto final da «cultura intervalar». Escrito em 1940, quando ainda estava longe o fim da guerra, nêle se prevê a falência de todas as doutrinas que beneficiaram do favor de circunstâncias anómalas na situação dos povos e das sociedades europeias. Desprovidos de cultura, gozando de progressos materiais extraordinários, os homens do nosso tempo abdicaram, por assim dizer, dos seus direitos de pessoas humanas, a quem cabe determinar-se ideais capazes de preservar a sua condição espiritual e cairam prostrados sob o prestígio da técnica. De facto, quando os bens materiais atingem um nível tal que os homens satisfazem facilmente necessidades de conforto e adaptabilidade não é de admirar que renunciem a quaisquer pruridos de vida espiritual ou moral. O sentido gregário da existência, com a preocupação do bem estar do maior numero, conduz necessariamente a uma anquilose da inteligência critica e a um desdoroamento de todos aqueles valores que fazem do individuo um ser com finalidade transcendente. Começou-se por perder o sentido da liberdade intelectual. O homem, dominado por uma moral de escravo, renunciou a pensar contra os interesses da maioria. Esta maioria, já de si uma abdicção de personalidade e de critica, entregou-se á adoração dos chefes: os condutores de povos, que lhe forneciam, já elaborados, os programas de vida que eles teriam de cumprir. Daqui o desprestígio da inteligência e o odio ao intelectual. Tudo quanto fosse afirmação de liberdade pessoal ou de interpretação individual encontrava

nas fileiras escravas uma opposição rotunda. A propria inteligência foi posta ás ordens da servidão e reduziu tudo a formulas simplistas. A historia encontrou interpretes capazes de a pôr ao serviço dos seus ideais imediatos. Para facilitar a tarefa dos pseudo-intelectuais, criou-se uma série de normas capazes de servir de estímulo a uma interpretação dos fenomenos sociais consoante os seus principios. Acabaram as preocupações de verdade ou de ética. Tudo se resumia em achar fórmulas susceptíveis de explicar aos apressados a mecanica dos principios a que se subordinavam. Voltou-se a historia do avesso. Desde a Revolução Francesa, estava tudo errado, segundo eles. «Constitue-se então a conhecida genealogia das causas da crise», escreve Fidelino de Figueiredo: «Reforma religiosa, que rompeu a unidade da consciência europeia; experimentalismo inglês, que construiu uma ciência sem Deus e sem ética a elle subordinada; judaismo, que era um fermento de dissolução rancorosa, com sonhos secretos de dominio do mundo pelo dinheiro; orientalismo, que vinha igualmente inquirar o espirito europeu de germes mórbidos e anti-cristãos; enciclopédismo, que popularizara pelas ruas um saber barato; romantismo, que exaltara a vida passional». Verdadeiros narizes de cera, ninguém cuidou da saber se estes principios eram de facto responsáveis da «cultura intervalar» em que o homem se debatia. Abraçaram-nos apaixonadamente, e fizeram deles normas inabaláveis. Aos intelectuais caracterizadamente «intervalares» eram indiferentes a verdade do conhecimento e a objectividade dos valores culturais. E Fidelino de Figueiredo, depois de citar Charles Maurras, o homem para quem a verdade intelectual era verdade pragmática, apresenta como «corifeu da cultura intervalar» o Stefan Zweig das biografias romaneadas. De facto, este homem, que não trouxe um elemento novo para a historia, fez da historia o campo dos seus triunfos. Para elle, tudo se resumia em conquistar o leitor lisonjeando-lhe a preguia mental e a subserviência de espirito. Fazendo historia, calava quanto pudesse ser enfadonho ou profundo: ficava-se pelo resumo ameno dos factos. Sacrificar a verdade historica ou psicologica em beneficio da preguia do leitor, eis a sua finalidade. E apparecem, no período «intervalar» as agencias de propaganda como finalidades de cultura. Serviço subsidiario de organizações comerciais anteriormente á época

ca em questão, durante a época «intervalar», a propaganda ganhou fores intellectuais; foi uma ideologia.

Fidelino de Figueiredo, usando talvez de métodos um tudo nada «intervalares», procura uma interpretação geral e organica para todos estes fenomenos, em si mesmos extraordinariamente significativos, é certo, mas não tão inteiramente estruturados como o livro deixa perceber. Ensaio aparentemente desconexo, é uma doutrina ousada e coerente que resalta deste livro onde há pontos de vista cheios de interesse para todos aqueles que procuram no estudo dos fenomenos culturais alguma coisa mais que critica e erudição. Não sei eu quem lamenta o método intelectual que Fidelino de Figueiredo adopta neste livro. Dir-se-á, porém, que a desagradar a alguém tal método só poderá desagradar ao próprio que o aplica.

III — Mais uma ilusão filosófica

Reacção aparente contra a «cultura intervalar», o racionalismo científico que se condensa na chamada Escola de Viena, a mais intemperata adversária de todo o fenomenologismo ou de toda a metafísica, é ainda, de certo modo, uma manifestação de cultura interina. Não creio possível uma «es» tão cega nos recursos da lógica científica como expressão plausível duma teoria do conhecimento sem uma relativa dose de interinidade cultural. Egídio Namorado, no seu livro *A Escola de Viena e alguns problemas de conhecimento*, editado pela Atlantida, de Coimbra, analisa com rigor alguns dos principios postulados da nova escola, para acabar na demonstração de que muitos deles assentam num parallogismo manifesto. Um neo-positivismo, eis o que é a Escola de Viena. Negando a necessidade da metafísica, os paladinos desta nova corrente filosófica pretendem que afinal a filosofia não é uma doutrina, mas uma actividade, e que não há maneira de se chegar a qualquer conhecimento da realidade fora de um empirismo lógico. Não há a priori sintético. Todo o conhecimento parte da experiência. A aliança da lógica com o empirismo produz essa corrente a que se poderá dar o nome de «empirismo logicistico».

«A filosofia», diz um dos mestres da Escola de Viena, «é esta actividade particular que visa a descobrir e a estabelecer o sentido das proposições. Pertence em seguida ás ciencias controlar se elas são verdadeiras». Baseado nisto, Egídio Namorado permite-se formular algumas interrogações. De facto, desde que se fala em empirismo e em proposições, sendo estas, por assim dizer, a condensação da experiência colhida directamente da realidade, reconhecendo, aliás, que não pode haver conhecimento sem o recurso ás proposições, expressão do sentido de toda a experiência, tudo está em saber qual o «sentido de uma proposição», o que se deve entender por sentido duma proposição, o que é uma proposição verdadeira... A resposta a estes problemas é fundamental. Se os neo-positivistas definem «sentidos», «verificabilidade» e «verdade» das proposições, estamos em face de proposições que não fazem parte da ciência e são, portanto, um verdadeiro sistema filosofico. Caso contrario, inutil falar em teses do positivismo lógico, pois tudo permanecerá numa generalidade vaga sem significação filosofica». Apertando-a nas tenazes de uma análise filosofica rigorosa e agil, Egídio Namorado demonstra, sucessivamente, que o fundo da doutrina da Escola de Viena não se restringe á lógica científica mas implica verdadeiras teses metafísicas ou filosóficas á velha maneira.

Não seria facil resumir aqui a bela argumentação do autor deste ensaio. E' de uma importância excepcional a leitura deste volume num momento em que se pretende demonstrar a falência da metafísica e se agita de novo o pendão da ciência como unico viavel para conduzir o homem ao conhecimento. Todas as novas escolas filosoficas se apresentam como possuidoras da verdade derradeira. Estou certo, porém, que nenhuma ousou ainda a soberba da Escola de Viena. Egídio Namorado, simples estudante de filosofia, ao que suponho, afronta essa soberba e demonstra logicamente como são falsas algumas das teses fundamentais de tal escola.

JOAO GASPAR SIMÕES

Registo de livros recebidos:

O Mal e o Bem, Domingos Monteiro, Editorial Ibrica, Porto.
Cárcere, poesias Alfredo de Azevedo, Porto.
Agua Parada, poemas, Maya Vilça, Enciclopédia, Porto.
Cadernos de Poesia, direcção Maya Vilça, Enciclopédia, Porto.
Lua Santa, novelas, Teles de Carvalho, Lisboa.
Cartas do Ermo, Noel Teles, Portugalia.
Rosalina de Passos, uma grande escultura algarvia, Vitor de Melo, Gomes & Rodrigues, Lisboa.



O seu encanto seduz

MIMO

As suas qualidades convencem

FÁBRICA MIMO • GRAEF & CIE • LA CHAUX-DE-FONDS • SUÍÇA

A eleições inglesas

(Continuação da 1.ª pag)

lismo, sob a forma de uma nacionalização de algumas das principais indústrias e formas de actividade do povo inglês.

Nenhum desses partidos se confina, porém, num exclusivismo intransigente. Os conservadores admitem que seja conveniente dar mais importância à intervenção do Estado em certas actividades particulares. Os trabalhistas não rejeitam inteiramente os benefícios da iniciativa pessoal quando esta for subordinada aos superiores interesses da comunidade. O programa do partido liberal procura dar satisfação simultaneamente a estas duas ordens de soluções, preconizando o regresso às suas tradições do livre cambismo que fez a prosperidade e a grandeza da Grã-Bretanha durante o século XIX.

As figuras políticas de relêvo que dominam a política inglesa

Como é natural, num ambiente político, moral e psicológico em que os efeitos da guerra e as suas repercussões continuam a fazer-se sentir, os homens tomaram, durante a recente campanha eleitoral, em mais duma ocasião o lugar que, em tempos normais, é reservado aos princípios que eles preconizam ou simbolizam. As eleições de 1945 em Inglaterra apareceram dominadas por uma figura de significado nacional, o Primeiro ministro Winston Churchill. E' a sua volta, e de certa maneira com um caracter plebiscitário que os adversários do partido conservador rotulam de reminiscência totalitária, que os ingleses vão votar. Mas a campanha eleitoral pôs em relêvo a existência de outras personalidades que se propõem desempenhar papeis de relêvo na evolução próxima da política britânica. A acompanhar o Primeiro ministro e a apoiar a sua orientação encontramos, além dos chefes conservadores, consagrados como Eden, Law, Hudson, ou revelados recentemente, como Quentin Hogg, os elementos independentes, sir John Anderson, Lord Woolton, Andrew Duncan, James Grigg, que se manifestaram abertamente pela orientação de Churchill, e os antigos liberais, do filho de Lloyd George a Hore Belisha, que preferem alinhar ao lado do Primeiro ministro a observar a disciplina partidária. Entre os trabalhistas as figuras de maior relêvo são, além do major Attlee, os antigos ministros Morrison, Bevin e Dalton, os srs. Arthur Greenwood e Aneurin Bevan, o mais tenaz adversário de Churchill, sir Stafford Cripps, e o antigo deputado Shinwell.

Quais são as probabilidades de conservadores e trabalhistas

As perspectivas eleitorais tornaram-se mais animadoras para os conservadores ou nacionais, pois foi esta ultima designação que adoptaram os partidários de Churchill, durante as ultimas semanas, e, sobretudo, durante os ultimos dias. A viagem de propaganda que o Primeiro ministro realizou ás circunscrições eleitorais do norte da Inglaterra revelou até que ponto o povo inglês aprecia a sua obra. Mas uma grande parte da opinião publica na Grã-Bretanha continua a distinguir entre o «leader», que conduziu a nação á vitória, no meio de todos os perigos e ameaças, e o chefe do partido conservador, cuja acção considera discutível.

Os trabalhistas, recusando-se a fazer uma aliança eleitoral com os restantes agrupamentos da esquerda praticaram um erro que pode traduzir-se pela sua derrota, a qual os manterá afastados mais cinco anos do poder. Os erros de tactica que acumularam durante o periodo da campanha eleitoral, devidos principalmente ás intervenções do presidente da comissão executiva do partido, professor Harold Laski, não deixarão igualmente de pesar na balança das decisões do eleitorado. Quanto aos liberais, as suas possibilidades eleitorais são restritas, mas a sua orientação politica, animada pela adesão recente do economista Beveridge, agrada a um vasto sector de opinião publica britânica, precisamente aquele que exerce uma influencia cada vez maior na vida do país e na formação dos seus dirigentes.

Portugal vai exportar vidro

para o Médio Oriente

Como se aniquilaria uma indústria já de si precária

se não fossem as disposições da lei

e a cautela dos homens de dinheiro

Vidraça portuguesa para a Persia, para o Irão e para outros países do Medio Oriente? A noticia era por demais vultosa, no limitado panorama da nossa vida industrial, para que não averiguássemos a sua veracidade e não procurássemos dá-la em primeira mão ao publico. Iriamos ter uma especie de compensação histórica, iniciando o ressurgimento económico, em larga escala, por intermédio da grande exportação para aquelas partes que nos consumiram as energias, na realização de uma obra sem par, e onde, entre esplendores de glória e ressonância de Epopeia, começou a nossa caminhada para a decadência? Porque não? E instintivamente, ecoou-nos nos ouvidos o pomposo titulo dos nossos reis, a partir de D. Manuel I: *Senhor da Guiné da Conquista, Navegador e Comércio da Etiópia, Arábia, Persia e Índia...*

Só nos escritórios de uma das nossas raras empresas de categoria europeia, da qual partiria a nova largada para o Oriente, poderíamos obter as informações que desejávamos. E, assim, fomos á Covina, ali, a dois passos de Povoa de Santa Iria.

A sorte bafejou-nos. Encontrava-se lá o sr. Lucio Feteira, poderosa e singular figura de português, que, em plena e criadora juventude, assinalou a sua passagem por três continentes, com realizações grandiosas, e adquiriu autoridade internacional na industria de chapa de vidro, gozando nos cen-

tros mundiais da especialidade, graças a uma acção brilhantíssima, de um prestigio que se reflecte no nosso país. Expusemos-lhe o fim da nossa visita. E foi enquanto percorríamos as vastas instalações da fábrica, quasi todas a abarrotar de produto fabricado, o qual se via também a esmo, ao ar livre, que trocámos impressões. A conversa depressa excedeu o ambito inicial. Pela palavra fácil do activo e culto industrial passou toda a vida económica portuguesa. Vale a pena reproduzir a parte relativa á vidraça:

Para um consumo de 500.000 metros quadrados de vidraça por ano, uma produção de 1.500.000

—Sim. Estamos, de facto, a estudar a possibilidade de exportarmos para o Medio Oriente—disse o Presidente do Conselho de Administração da Covina. Há perspectivas agradáveis, embora para remessas de curta duração. O custo elevado das nossas matérias primas, do combustível e da mão de obra, com a agravante de uma pequena capacidade de produção, relativamente aos concorrentes estrangeiros, collocam-nos em manifesta inferioridade. Além disso, não se deve esquecer que a Bélgica, nossa principal competidora, tem mão de obra mais barata do que nós. Para que um operário, ali, ganhe mil francos por mês, é preciso que seja um bom artifice. Ora, mais de 600\$00 ganha qualquer servente da Covina.

—Por isto tudo, só podemos pensar em expedir vidraça, enquanto a forte industria belga não reconeça a laboração, interrompida pela guerra. Como sabe, a Bélgica abastece grande parte do Mundo. No entanto, antes da invasão, mais de dois terços das suas fábricas estavam fechadas, devido á falta de consumo. Estamos decididos a mantermo-nos em campo, mas seremos vencidos.

—Poderia a Covina abastecer os novos mercados?—interrogámos.

—Poder, podia. Olhe o que para aí vai Vidraça por todos os lados. Depois de enchermos os armazens, tivemos de espalhar o produto cá fora. Não admira. O consumo nacional não chega a ser de 500.000 metros quadrados por ano, e o nosso fabrico excede 1.500.000! Quere dizer: a fábrica produz, num mês, mais do que Portugal consome em três. Este é o drama!

—Então, que fará a Covina, quando se normalizar a vida industrial do Mundo, ao excedente da sua produção?

—Eis o problema que há muito me preocupa e aos meus colegas da administração. Tenho-lhe procurado solução, mas só vejo uma saída: aquela a que recorreram as antigas fábricas manuais de vidraça.

—...?

—Trabalhar um ano e ter os fornos apagados dois, ou o equivalente. Em 1944, a nossa fábrica esteve oito meses e meio parada. A laboração de três meses e alguns dias foi mais do que bastante. Repare nos «stocks».

Se não fôra a lei e a prudencia dos homens experientes, que não se deixam seduzir por sonhadores que acenam com Eldorados imaginarios...

—Isso deve representar um encargo tremendo, sem duvida com reflexo no custo da mer-

(Continua na 11.ª pag.)

AUTOMOVEIS DE LUXO

(Sem distintivo)

Chryslers, De Sotos, Dodges e outros de 3 a 7 lugares

Para Noivos, acompanhamento e serviços especiais, no País e Estrangeiro

Soc. Transp. Aut. de Luxo L. da
Serviço permanente:

R. de Santa Marta, 57-A. Telf. 43753

A participação

dos russo:

na Conferência

de Tânger

LONDRES, 4.—Pedindo que lhe seja concedido lugar na conferência que se vai realizar para tratar do problema de Tanger, a Russia ressuscita o interesse que tinha por aquela zona antes da ultima guerra», observa o redactor diplomatico do «Times» no seu numero de hoje. «A Russia—recorda o redactor—foi um dos 11 países que assinaram a acta de Algeciras, em 1906, que estabeleceu, um tanto vagamente o estatuto internacional da zona de Tanger. Depois da guerra, a Russia como muitas das outras potências inicialmente participantes, não foi convidada a tomar parte na conferência que se realizou em Paris em 1923, conferência que estabeleceu o regime em termos mais claros, e por isso, nem Russia nem os Estados Unidos ficaram fazendo parte da Comissão de Fiscalização».—(R.)

A opinião da França

LONDRES, 4.—Comentando a questão de Tanger, o jornal conservador escocês «Scotsman» diz, em editoria que o pedido da União Soviética para ser consultada sobre a questão «é baseada fundamentalmente não na sua posição como herdeira da Russia de 1906, mas na sua presente situação de potência e autoridade mundiais». «Scotsman» acrescenta: «O apoio da Russia pode ser bem recebido em Tanger, pela França, que pode ver a admissão dos soviets nas negociações um precedente para trazer a Russia para a discussão dos problemas do Próximo e Médio Oriente, como o da Siria e do Líbano».

Como a nova organização de segurança está edificada sob a chefia das grandes potências, seria difícil negar a uma delas o direito de ser consultada sobre uma questão como a de Tanger, observa o «Scotsman», que acrescenta: «Tal argumento corta aos ombros os caminhos. Negaria á Russia todo o direito de resolver os problemas relativos á Europa oriental e central, sem conferenciar com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. A Russia tem ainda que prestar contas pela sua acção unilateral na Austria e por outro lado se houve qualquer acordo sobre a divisão de zonas de influencia segundo o qual a Europa oriental foi virtualmente atribuída á Russia, então ela não deve ter direito a reclamar a sua reivindicação sobre a questão de Tanger».—(R.)

Uma declaração russa

LONDRES, 4.—Segundo a rádio de Moscovo, o órgão oficial do Governo russo «Izvestia» declarou hoje: «Quer discussões do problema de Tanger sem que nelas tomem parte representantes da Russia não podem ser reconhecidas legitimamente. Embora o Governo russo tenha sido informado pela Grã-Bretanha e pela França da conferência de Paris para discutir o futuro Estatuto de Tanger, o Governo russo não foi convidado a tomar parte nas conversações preliminares a esse respeito. A questão de Tanger tem de ser considerada com participação da Russia».—(R.)

O Comand (Feira

Na sua ordem de hoje
Crema á Florentina, Lagos

Sexta-feira, á meia-noite. Givro dos Rapazes da cidade, bene a direcção do notavel bailarino GUEL MOLINA. Atracções e surpresas
Reservem as suas mesas na

279?

A contenda A falta de cimento

sobre Teschen
entre a Polónia
e a Checo-Eslováquia

no mercado e as dificuldades
com que lutam as fábricas

PRAGA, 4—Sabe-se que a questão da disputa do território de Teschen será submetida aos «três grandes», a não ser que os governos da Checo-Eslováquia e da Polónia cheguem a acôrdo. Até aqui, o governo checo tem-se recusado a discutir com os polacos a pretensão destes ao território que, na Conferência dos Embaixadores, foi concedido á Checoslováquia em 1920. —(Reuter).

A Checoslováquia espera restabelecer num ano a sua normalidade económica

CAIRO, 4—(Do correspondente especial da Reuter, But Bettany)—Funcionários superiores checoslovacos creem que a vida económica do país pode ser restabelecida dentro de um ano, desde que se recebam do estrangeiro materias primas e generos alimentícios.

Esta informação foi-me dada no Ministerio do Comercio Externo, cujo chefe é o dr. Hubert Ripka, personalidade eminente do Governo de Benés. O principal problema é reabrir as comunicações. Só uma estrada entre a Checoslováquia e o Mundo exterior está agora a funcionar, embora não com a eficiencia de antes da guerra: a estrada ao longo do Danubio. A importante estrada ao longo do Elba, vida desde Hamburgo, está ainda interrompida por causa das pontes alemãs destruidas e das pontes militares, demastado ao nível de agua, para permitir a passagem das embarcações. Todavia, os abastecimentos dependem grandemente dessas estradas. —(Reuter).

A CRISE DE TRABALHO no Baixo Alentejo

BEJA, 4—(Pelo telefone)—No Governo Civil começou esta manhã e prolonga-se até á tarde uma reunião entre o vice-presidente da Junta Central das Casas do Povo, sr. dr. Mario Madeira, governador civil do distrito, sr. dr. Quirino Mealha, os presidentes de todas as camaras municipais e representantes das Casas do Povo, assistindo também alguns técnicos do Commissariado do Desemprego. Nesta reunião estão a ser estudadas as urgentes medidas a adoptar, com o fim de atenuar a grande crise de trabalho que se verifica em todo o Baixo Alentejo.

O Dia da Independência

Uma recepção na embaixada dos Estados Unidos

O sr. dr. Herman Baruch, embaixador dos Estados Unidos, acompanhado pelo pessoal da embaixada, deu esta tarde, na sua residência, uma recepção á colónia americana para festejar mais um aniversario da independência do seu país.

A recepção, durante a qual é servido um chá começa ás 17 horas.

AGRESSÃO A TIRO

COIMBRA, 4—(Pelo telefone)—Em Vila do Mato, concelho de Tabua, o proprietario Sebastião José da Silva, há anos ali residente e natural de Vila Nova de Gaia, agrediu, com dois tiros de espingarda caçadeira, por motivo fútil, Francisco Figueiredo, que recolheu em estado grave ao hospital da Universidade, com uma vista atingida.

ante da Nau Popular)

determinou para o jantar: á thermidor, Tornado á «Nau»

NDE NOITE ANDALUZA—Festa a farrisa obra do sr. Governador Civil, sob o tambor flamengo de fama mundial MIsas.

IAU». Entrada por pessoa, Esc. 100\$00

«Sr. director: — Publicou ontem o «Diário de Lisboa» uma entrevista sobre a Ribeira de Alcantara que, não deixando de ser interessante a todos os titulos, deve sem duvida grande parte do seu sucesso ás generosas referências que fazia á falta de cimento com que luta o empreiteiro.

E como não haveria de ser assim, se todos aquêles—e são muitos—que, lutando com o mesmo problema, viram inesperadamente alguém, que era nem mais nem menos a Imprensa, occupar-se do seu caso?

Tão bem o compreendemos, que vimos, por nossa vez, pedir a V. que, com a publicação destas linhas, se ocupe publicamente pela primeira vez do problema cada vez mais complicado com que lutam os fabricantes desde o início da guerra.

E para não sermos muito longos nem tão pouco originaes naquilo que afirmamos, começaremos por empregar quasi que textualmente, mas applicadas ao nosso caso, as palavras queixosas, que apparecem no principio do referido artigo:

«Os esforços para aguentar a produção de cimento no ritmo actual têm aumentado continuamente nas fábricas e a produção seria muitissimo maior se, apesar disso, a guerra e outros factores estranhos á nossa vontade não tivessem vindo perturbar o fornecimento de materias indispensáveis ao fabrico».

Parece portanto, que em síntese, estão suficientemente explicadas as causas da falta de cimento que se nota no mercado.

Passemos agora a outro assunto: Se as companhias quisessem...

Realmente, se as companhias quisessem ou melhor dizendo, pudessem, tudose pararia de forma diferente. Começariam:

1.º—Por obter todo o carvão, energia, etc., nas quantidades e qualidades indispensáveis para que o fabrico do cimento abastecesse convenientemente o país.

De facto, não é por falta de capacidade instalada de produção, que as fábricas actuais alguma vez deixaram de corresponder ás necessidades do mercado. Nunca de longe o consumo atingiu esse limite. Mas, apesar de tudo e para provar que a industria actual andou e continuará a andar sempre adiantada sobre o consumo, basta dizer o seguinte:

a) Duas das companhias produtoras estão a tratar do aumento das suas instalações.

b) A terceira companhia, principalmente, ao mesmo tempo que contribue para a industrialização das colónias, procura deixar liberta para a metrópole toda a produção das fábricas actuais, com a montagem no ultramar de novas fábricas. Convém dizer que este programa pôde ser traçado, porque as companhias não duvidaram que quando se puder produzir cimento á vontade, os consumidores continuem mostrando a mesma vontade em o comprar que mostram agora no momento da escassez!

Os concursos na Emissora para artistas da Rádio

Na Emissora Nacional continuaram hoje os concursos de Artistas da Rádio, sendo concedido o premio de flauta, de três mil escudos a Luiz Boulton, e menção honrosa a José Tiago Velez. O júri foi constituído pelos srs. Pedro Prado, maestro Pedro de Freitas Branco e Napoleone Annovazzi, professor José Henrique dos Santos e compositor Armando José Fernandes.

Na próxima segunda-feira começam os concursos de artistas ligeiros da Rádio.

AVIZ HOTEL
TODAS AS NOITES
AO PIANO MALANZA

tade em o comprar que mostram agora no momento da escassez!

2.º—Quanto á distribuição, se as companhias pudessem também, quando apparecesse um caso como o das obras de canalização da ribeira de Alcantara tratado na Imprensa, prejudicariam o abastecimento do resto do país para lhe darem prioridade.

Mas as companhias não se podem esquecer que, como no ano de 1944, estão a enviar para Lisboa 30 % da sua produção e que não podem aumentar essa percentagem sem prejudicarem o resto do país.

Para não nos alongarmos mais é o que de momento se nos oferece dizer sobre o assunto.—De V., etc., António de Sommer Champalimaud, director delegado da Empresa de Cimentos de Leiria».

Revelações de Bernadotte acêrca de Hitler

ESTOCOLMO, 4 — O conde Folke Bernadotte, no seu livro intitulado «O Fim», onde descreve as cenas finais da queda da Alemanha, afirma que Eva Braun, com quem Hitler se casou poucos dias antes de morrer, era o seu espirito mau. Com a grande influencia que exercia sobre Hitler, foi ela quem abriu o caminho para Kaltenbrunner, o verdadeiro chefe da Gestapo.

A irmã de Eva também exercia sinistra influencia, pois estava casada com Fegelein, outro chefe da Gestapo. Com estas pessoas a servirem-lhe de escudo, Hitler procurava conservar o poder até final.

O conde Bernadotte não acredita que Hitler tivesse morrido como um heroi. «Ele morreu antes como um foragido, tal como morreram todos os seus principais acólitos nos ultimos dias que precederam o fim da guerra», escreve Bernadotte, que prossegue: «Himmler temia tanto Hitler como Hitler o temia a ele».

«Ribbentrop era verdadeiramente curto de ideias e bastante ridiculo», segundo diz também Bernadotte.—(U. P.).

As fotografias do corpo de Goebbels

BERLIN, 4.—Dois fotografos foram autorizados a fazer um filme documentário do encontro do corpo do dr. Goebbels que se suicidou pouco antes da queda de Berlim.

As tentativas das tropas das S. S. para carbonizar o corpo foram completamente infructíferas.

O corpo do dr. Goebbels foi encontrado no pátio da Chancelaria do Reich.

As fotografias do corpo de Goebbels serão apresentadas no filme, para que o povo alemão possa ver por si próprio o que resta do espirito diabólico do nazismo.—(U. P.).

Um trabalhador morto

pela engrenagem de uma debulhadora

BEIRÁ, 4.—Ontem, na herdade do Pereiro, propriedade de João Nunes Sequeira, o trabalhador Joaquim Cavaco, de 45 anos, que trabalhava numa debulhadora, deixou-se enfiar na maquina, ficando com uma perna e um pé decepados. O infeliz deu entrada no hospital de Portalegre, falecendo horas depois. Deixa viuva e três filhos menores.



Os melhores «taxis» no Estoril
Serviço permanente

EM 3 LINHAS

Na quinta-feira da proxima semana o Secretariado Nacional da Informação oferece um jantar ao encarregado de Negocios do Brasil, dr. Ribeiro Couto.

Vai proceder-se a um inquerito aos serviços da Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade. Foi para tal nomeado o juiz dr. Silva Cabral.

«Camilo Castelo Branco, se não fosse a especulação biográfica, que se tem feito á sua volta, acabaria numa figura mistica, tão misteriosa como Homero»—escreve Aquilino Ribeiro no n.º 3 do «Ver e Crer», que hoje appareceu.

Os funcionarios do Aeroporto de Lisboa, em materia de licenças e disciplina, e desde hoje, estão sujeitos á legislação geral e ao estatuto dos funcionarios civis.

Pelo ministro da Educação Nacional foi mandada encerrar imediatamente a Escola Nuno Alvares Pereira, na Covilhã.

Vai ser montada em Leiria uma fabrica de papel de fumar, com a produção diária de 1.500 quilos.

A «Casa dos Rapazes da Cidade», em Lisboa, vai receber um subsidio de 40 contos pelo Fundo do Desemprego.

Regressou hoje de avião, vindo de Madrid, o sr. visconde de Asseca, que acompanhou a sr.ª D. Amelia até aquela cidade.

Antes de partir para a Africa veio apresentar-nos os seus cumprimentos o sr. Francisco Gavião de Lacerda, distinto colonialista, a quem desejamos boa viagem.

Nos cinco primeiros meses deste ano a exportação de cortiça não foi além de 57.492.637 quilos.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	988\$	987\$	989\$
Consolidado 3 % T. 10	1.017\$	1.016\$	1.018\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	1.058\$	1.057\$	1.059\$
Consolidado 3 3/4 T. 10	1.028\$	1.028\$	1.030\$
Centenários 4 %	2.480\$	2.479\$	2.481\$
Obrigs. T. 2 1/2 1942	—	998\$	—
Obrigs. T. 2 1/2 1943	—	998\$	—
Obrigs. T. 2 1/2 1944	—	998\$	—
Externas 1.ª série	—	—	1.900\$
Externas 1.ª carimbadas	—	—	1.900\$
Externas 3.ª carimbadas	1.890\$	—	1.890\$
Cautelas 3.ª série s/juro	—	280\$	—
Acções			
Esp. St.º e Com. L.ª port.	—	2.505\$	2.550\$
Lisboa e Açores port.	—	980\$	1.000\$
Ultramarino cp. T. p...	484\$	483\$	485\$
Mundial	—	—	1.600\$
Nacional	—	—	1.680\$
Agua Lisboa port.	—	218\$	223\$
Agua Lisboa 1934 T.p.	227\$	226\$	228\$
Agua Lisboa 1936 T.p.	—	213\$	217\$
Cimentos Tejo	—	575\$	585\$
Cimentos Leiria T. p...	—	—	1.215\$
Crédito Predial port.	30\$	30\$	31\$
Gás e Electricidade cup.	325\$	325\$	326\$
Alto Alentejo cupão...	905\$	904\$	905\$
Industrial Aliança...	—	407\$	412\$
Portugal e Colónias...	342\$	342\$	343\$
Nacional Naveg. T. p.	1.014\$	1.011\$	1.012\$
Colonial Navegação...	1.285\$	1.285\$	1.295\$
Port.ª de Tabacos cupão	—	622\$	628\$
Tabacos Portugal cupão	—	—	750\$
União Electrica Port.ª	675\$	673\$	680\$
Casquel	1.051\$	1.050\$	1.053\$
Agricola das Neves...	781\$	780\$	784\$
Agricultura Colonial...	—	510\$	—
Açúcar de Angola...	1.875\$	1.872\$	1.875\$
Buzi	205\$	205\$	206\$
Iha do Principe	675\$	—	680\$
Zambézia T. de 25 ...	113\$	112\$	113\$
Obrigações			
Agua de Lisboa 5 %...	—	—	553\$
Norte de Portugal 5 %	114\$	114\$	115\$
F. N. L. Moag. 5 % T.p.	—	1.030\$	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 25482 RUA DA PRATA 48

QUERE RECEBER O MAXIMO?

Na venda das suas joias, pratas, ouro, brilhantes, cautelas de penhor, antiguidades, etc.
Em seu próprio interesse, procure. faça favor, a

Grande Ourivesaria da Moda
Rua da Prata, n.º 257 esquina de Santa Justa

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA

DOS

PROFISSIONAIS DO COMÉRCIO

Avisam-se tôdas as Emprêsas que, em Lisboa, exercem actividade como **COMERCIANTES ARMAZENISTAS** de que, a partir desta data, são abrangidas por esta Instituição, assim como todo o pessoal ao seu serviço, pelo que devem solicitar imediatamente, na Secretaria da Caixa — Rua Nova de S. Mamede, n.º 76 — tôdas as informações necessárias ao exacto cumprimento das suas obrigações legais e regulamentares.

Lisboa, 1 de Julho de 1945.

A DIRECÇÃO

FUNERAIS

OS MELHORES SERVIÇOS
OS MAIS BAIXOS PREÇOS

Preferir a «SRAF» é poupar muito dinheiro e ter a certeza de ser bem servido. Facilidades de pagamento para quem as deseje aproveitar.
Rua das Pedras Negras, 5, e/l.
Telefones 2 7288—2 8584—4 2172

Sindicato Nacional dos Músicos

Avisam-se os Srs. Profissionais musicos (SOCIOS EFFECTIVOS, CONTRIBUINTES E AUXILIARES) que começa no próximo dia 6 a distribuição da carteira profissional, na sede do Sindicato, das 12 às 14 horas, sendo entregue a todos que apresentem a última cota e satisfaçam a importancia de Esc. 10\$00 (Dez) custo da carteira.

A DIRECÇÃO

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 93, 2.º
TELEFONE 2 6519

Med., coração e pulmões—Dr. A. Narciso, 3 h.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, vias urinarias—Dr. M. Magalhães, 1 h.
Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenças nerc., electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Garg., nariz, ouvidos—Dr. Afonso Simão, 3 e 30 h.
Doenças sr.ªs operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenças das crianças—Dr. G. Coelho, 5 e 30 h.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 2 h.
Raiz X—Dr. Aleu Saldanha, 4 h.
Fisioterapia—Dr. Mario Jacquet, 4 h.
Analises clinica



BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-4.º — Tel. 2 9607

DINHEIRO EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos
R. Duque de Palmela, 11
& R. Alexandre Herculano

LAMINAS

Os homens de todo o mundo continuam a afirmar que o sistema de barbear Gillette bate todos os outros em rapidez, perfeição e economia. Não importa que compre a lâmina Gillette Azul ou a Lâmina Gillette Dourada, pois em ambos os casos, compra a melhor qualidade de lâminas.



GILLETTE

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

AMADORA

Terrenos vendem-se, linda vista, junto estrada nacional, plano aprovado.
R. do Amparo, 66, 3.º

NSU = BICICLETA QUE NÃO RECEIA CONFRONTO
A PRONTO E EM PRESTAÇÕES
R. EUGÉNIO DOS SANTOS, 171 - LISBOA



RAINHA DA HUNGRIA



MÁQUINAS DE ESCRIVER
de tôdas as marcas
Compra - Vende - Aluga
reparações e reconstruções com garantia

Domingos Gonçalves & C.ª
Rua Arco do Bandeira, 133, 2.º
Telefone 2 5741 LISBOA

A PRESTAÇÕES

fatos em boa casimira e casacos de olinho.
6, RUA DO LORETO, 8

Cinzas da Vida

(Continuação da 4.ª pag.)

que elas. Filhas da Irene Santos Noites e do Patrício mouco aquelas meninas dos casais eram para mim iguais às meninas dos casais jovens que eu conheci. A casa, batida pelas chuvas de cinco invernos não tinha cor definida e alguns caixilhos começavam a cair. Só as flores do jardim, os lilazes dos caramanchões se desentranhavam em beleza.

Mais anos passavam. Fiz-me mulher. Casci, fui mãe e aos mistérios da vida com o seu amargor e a sua força, não me neguei. Soube que uma das pálidas meninas daquele casal para mim outrora tão extraordinário morrera ao roçar os catorze anos.

As janelas não dizem nada; já dantes não tinham cortinas e caíam de abandono. As portas nada sugerem, permanecem cerradas. Sei que há mais quatro filhas do casal mas nunca as vi brincar naquele jardim encantado. No entanto, por detrás daquelas portadas e paredes a vida infiltrou-se e multiplicou-se. Ao pensar na menina que morreu, sem pena nem revolta, agora, que sou mulher e mãe, é que compreendi a semelhança existente entre os outros casais e aquele. A planta virgem encostou-se ao tronco envelhecido. Juntaram as suas seivas e nas noites de vendaval ou de luar, uniram-se contra os pavores ou para, receber a luz pálida da noite. Nasceram folhas debéis, uma tão débil que morreu antes da primavera.

Mas porque motivo a Irene Santos Noites se escondia por detrás das vidraças e se negava aos sóis e às luas?

Seis vezes os seus gritos se ergueram para o Céu ao dar a luz um novo ser. Seis vezes, durante nove luas gerou em si um ente desconhecido. O seu leite correu como o das outras mulheres. Os seus braços embalarão como os das outras mães. E quando lhe levaram a filha morta ela sentiu o despedaçar das próprias entranhas e achou inútil a esperança de maternidade. Andaram cegos, entre aquelas paredes, os olhos espantados da vida, ou foi premeditada a sua visita à casa sem encanto?

Que pensará o Patrício mouco do dia a dia que lhe corre há quinze anos? Com a incapacidade que existe no homem para o amor ter-se-ia inclinado alguma vez sobre as lutas da mulher que vivia a seu lado? O homem habituou-se a esperar da mulher imensos milagres. Ela realiza os quasi sempre. Não lhe peçam que ultrapasse nas Artes, na Ciência ou na Música. Só em sacrifício ela o pode ultrapassar e ele o admite.

Se um homem nasce poeta, escultor, músico ou químico, de corpo e alma se dedica à missão do seu destino e releva para plano secundário a vida ordinária. A mulher, porém, não é permitida essa evasão. Exigem-lhe os pés bem assentes no solo, olhos atentos à vida diária e, quando a tornam mãe, desdobrando-lhe o sangue e alma, roubam-lhe pelo menos metade da energia, que passa a viver e a respirar no ser que dela nasceu.

Insensivelmente vai quebrando as cadeias do sonho. Magoa-se nas grades que, no desmoroamento lhe descobrem mais fundos e insepultos mistérios—que a maternidade lhe aniquila na voz.

Mas nada é tão forte como a solicitação da sua própria carne no corpo do filho. A fuga para o infinito leva mais tempo a fazer-se porque já na Terra o peso da vida pode mais. As tardes não alcançam as verdades dum mundo impossível, porque a evasão tão natural da alma se torna para a mulher que é mãe uma extraordinária aventura.

Podia abandonar o corpo sem despedidas nem limites. Por minutos, por horas — por quanto tempo? Mas não pode separar-se do corpo do filho que já está preso a outra alma, que lhe exige cuidados, que no silêncio grita por si, num mudo e eterno apelo. Ainda quando chega a velhice, a mãe que o filho já não procura porque perdeu o medo às noites, e os temores da solidão se cerraram dentro do amor sexual, sente que os seus tendões, os seus ossos, a luz dos seus olhos é uma fé continuada no filho, uma esperança desdobrada, uma ilusão de sonhos e possibilidades.

Que pensará por sua vez a Irene Santos Noites, que eu não vejo há 15 anos, essa cuja cabeça nunca mais assomou às janelas da rua? Talvez tivesse ido buscar a força para viver ao encantado jardim que eu apercebi através das grades; o leite da sua maternidade aos estranhos lares de agosto que envolviam as figuras de pedra e o geito de alindar as filhas à lembrança que lhe ficou do mundo.

NATÉRCIA FREIRE



FATOS DE BANHO
(TABELADOS)

Artémis

49, RUA DO CARMO, LISBOA

STOP

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

Outro, mais longe repete-as. São três horas já sei! Não tenho interesse nenhum em saber que é tão tarde e que não durmo. Quando acabará para mim esta farça, esta farça sem sentido e sem finalidade? E parece-me que uma voz irônica me pergunta: «então tu não acreditas nas coisas grandes e belas? ao menos na Beleza, na Arte?»

—Anh? Onde é que ela está, a Beleza?

—Hoje não vi na rua senão gente feia. O rosto humano é monotono, é caricato. As mesmas bocas, os mesmos olhos, os buracos das ventas. Daqui por uns anos mais de metade dessa gente estará deitada de costas, encafuada em caixotes ou a adubar as terras.

E eu também. Vem-me à memória um artigo de jornal que li vagamente esta manhã, em que se falava da «pessoa humana», se faziam ditrambos a «pessoa humana». Chupo ferozmente o cigarro, a rir. A «pessoa humana» é bem dito! O que pensará sobre isso aqueles milhões que morreram nos campos de batalha ou que ficaram cegos, aleijados, disformes? Contaram tanto como moléculas de água no mar, como grãos de areia num areal... Que mania que há de escrever distantes, contar histórias, arquivar novelas, dramas, romances, criar dores artificiais, como se não bastassem as que existem. Chama-se a isto literatura. Trata-se dos amores, das magoas, das paixões, dos conflitos entre várias pessoas humanas que só existem na imaginação dos autores. Isso tudo vem nos jornais e de verdade. Basta ler as notícias. E o caso individual já não interessa.

A vida é uma espécie de tragédia em que a cena toda está cheia de grandes massas corais. Não há lugar para os cantores «a solo». Não interessam, não dizem nada de novo. A época dos teatros, dos barítonos, passou. As «primas-donas» são muitas, são a legião dos serviços auxiliares. Quem quiser literatura leia as notícias. Depois ponha a trabalhar a imaginação e faça enredos—como aqueles jogadores que jogam com um parceiro imaginário. E se não tiver imaginação durma—que é o que eu não posso fazer.

Ali, por exemplo, naquele terceiro andar defronte há um enredosinho picante um dramazinho de adultério. E cheio de «densidade psicológica». Porque toda a gente tem a tal «densidade» mais ou menos. Estes e outros dramazinhos é só copiá-los. Ela é feia e vaidosa. Ele é um pobre diabo que se esfalta a trabalhar para a trazer «no trinco». O outro é um vadio que já esteve preso por burla. Um romance, não é? Vá, senhores escritores, venham aqui à minha rua, que eu digo-lhes, dou-lhes a «papa feita». Pois escrevem-se romances—o que é admirável. E vendem-se—o que é ainda mais admirável.

Que barulho é este, que algazarra é esta, que, subitamente, acorda os ecos da minha rua? Que berrata! Apuro o ouvido um momento e fico estarelecido! É o cumulo! É que é, nem mais nem menos do que um grunhir de porcos—de porcos, com sua licença, como se diz em Casais, minha terra selvagem e, ao mesmo tempo, destas extremidades delicadas. E para me convencer repito como se fosse um dicionário de sinónimos: são porcos, suínos, cevados, «récos». São os «animais imundos» da Bíblia. Aparecem à esquina, em numero de cerca de vinte, com

dois labrostes atrás, a fazê-los andar de chicotada. São enormes montanhas de carne animais de chiqueiro, que já não podem com eles, exaustos, tropeços da longa caminhada. Não são de montado. São criações de engorda, com muitos quilos, habituados à «lama fresca das pocilgas e que não sabem andar. Viveram a engordar, a engordar, para que os homens lhes metam depois uma faca nas guelas até ao coração, devagar, devagarinho, para sangrarem bem—por causa dos chouriços e do «sarrabulho». Por esta é que eu não esperava! Um avião de porcos a deambular, de madrugada, nesta civilizadíssima urbe! Vão para o Matadouro, vão morrer aflictivamente depois de estafa. Os condutores pou-pam-nos. Não é por piedade—é com medo que eles morram duma congestão antes de tempo. E eles grunhem, grunhem sem descontinuar. Agora passam mesmo debaixo da minha janela. Que grandes! Entre todos salientam-se uma fêmea gigantesca. Juntos dela, procurando abrigar-se à sua massa enorme, caminham quatro «leitões» pequenitos, que são os filhos. Mas um deles já não pode mais e deixa-se cair, exausto, na valeta. Um dos condutores pega no pobre bicho ao colo, rogando pragas. E então a mãe pára, levantando o focinho para o homem—como a querer salvar o filho. O homem dá-lhe uma chicotada mais forte. Um grande berro aflito atira os ares... Mas aquilo segue em cortejo, volta à esquina, desaparece. Durante muito tempo oco o seu clamor, que se afasta, que se vai esbatendo, sumindo, sumindo, até que não oigo mais nada.

Vou deitar-me, tentar dormir. E penso que não gosto de leitão assado que me enjôa aquela carne, ainda por formar, que parece leitão Matarão primeiro os filhos ou a mãe? E a trombada que ela lhe deu para o fazer andar? E a chicotada que apanhou em paga?

Diz-me uma voz irônica, interior:—tu gostas de lombo de porco?

—Pois está claro que gosto—respondo eu. E este diálogo faz-me rir. Sim, porque eu não vou agora enternecer por causa da porca mãe e do bacoral. Seria o cumulo do ridículo. Mais: seria um sacrilégio, agora que morrem tantos homens, meus irmãos. E depois as Escrituras dizem que o cevado é um animal imundo. O povo eleito não o come. Pobres bichos, coitados! De resto, Cristo. Ele próprio, faz passar dos corpos de endemoinhados centenas de diabos que entraram numa vara de porcos, que se afogaram todos num rio. Ainda assim não sei se será melhor do que morrer com uma faca nas guelas, enterrada devagarinho. Sinto que vou dormir. Vou dar licença à minha alma para que ela se abandone uns momentos. E'hom i-la en-saindo neste exercício até que ela não volte. O que espero é que não será preciso enterrar-me devagarinho uma faca na garganta.

R. C.

Aprecia bom café?

Se ainda não conhece, experimente os lotes de

A «MORENINHA»

Rua dos Fanqueiros, 348 (Em frente da Praça)

Leiam, sexta-feira, na

"Seara Nova"

Os artigos de Langevin (2.º Centenário da Enciclopédia); António de Sousa (Política internacional), Emilio Costa (Filosofia caseira), Ramos de Oliveira (Inquérito ao Livro), e na secção «Jornal» a habitual colaboração de Gomes Ferreira, João Pedro de Andrade, Lopes Graça, Adriano de Gusmão, e ainda os Factos e Documentos de A. Candeias.

VAI PARA FERIAS?

Talvez seja acertado comprar uma

GABARDINE

ou uma impermeável Tipo Zambrene

Armazens Impérium

Casa especializada nestes artigos possui um apreciável stock a preços convidativos

Rua de Santa Justa, 93, 2.º

Telefone 25827

Olegário Mariano

O grande poeta brasileiro Olegário Mariano voltará brevemente a Portugal, em missão oficial, para o acordo ortográfico entre a velha pátria lusitana e o seu filho de além-mar, o grande Brasil.

Ainda ninguém, em Lisboa, de quantos conheceram Olegário Mariano, em 1940, esqueceram o encanto do seu convívio e as belíssimos versos que lhe ouviram recitar, em publico ou no ambiente requintado de salas elegantes. Recordo, especialmente, uma sessão no Museu de João de Deus, tarde inesquecível, em que nos disse versos íntimos, e versos inéditos, que poucos tinham a dita de conhecer.

Naquela sala, onde se encontra, realmente, uma atmosfera especial de beleza e de poesia, Olegário Mariano sentiu-se bem, entre artistas e amigos que o rodearam de admiração e carinho.

Os livros de Olegário escasseiam em Portugal, talvez porque se esgotem no Brasil, de modo que não são muitos os que conhecem os seus versos. No fim do ano passado publicou o poeta um novo livro: «Quando vem baixando o crepúsculo...». Uma crítica brasileira diz-nos que neste livro «realiza a sua obra mais perfeita, pela serenidade mesmo, que marca e expressa, num esplendor de sonho e de encantamento, diante da vida—a revelação suprema da sua arte na exaltação magnífica dessa luz crepuscular que o envolve e faz cantar suave deliciosamente».

O soneto, que vamos transcrever, abre o livro e resume o sentir do poeta, na hora crepuscular em que o escreve, que não me atrevo a dizer que seja a mais bela hora da vida, mas é a mais bela hora do dia, e talvez a mais bela de certa inspiração delicada e fremente:

«Vem baixando o crepúsculo de leve...
Eu bem o sinto, na paisagem fria
E sobre os meus cabelos em que a neve
Envolve a noite que se pronuncia.

A mão já se emociona quando escreve,
Os olhos baixam, porque morre o dia.
Todas as vezes se calam... Breve
Será mais triste a vida e mais vazia.

E' a hora em que oscila a chama da esperança
Adoro-a de mãos postas, hora mansa,
De calma, de renúncia, de perdão.

Mas na tarde que rola num desmaio
Hás-de ficar comigo, ultimo raio,
Para aquecer-me a sombra pelo chão...».

Há neste soneto a melancolia crepuscular, mas que o poeta doira com os seus esplendores.

Entre clássicos, românticos e modernos, Olegário Mariano, a cujo talento não falta qualquer faceta poética, será sempre um dos mais notáveis representantes da poesia brasileira contemporânea.

MARIA DE CARVALHO

Através do novo livro

(Continuação da 4.ª pag.)

cabeças loucas gozando de certa notoriedade.

E' isto o romance *à clef*? Não, é um romance do nosso tempo, veladas as personagens de carne e osso com o manto diáfano da fantasia. O nominal de resto passa a marchas forçadas. O importante é que a substância fique, isto é, não se deixe submergir na levada do tempo. Deste livro, ligeiro aqui, água-forte além, há páginas que prometem não se deixar esfumalar com duas razões.

T. S. F.

Reparações em toda a classe de receptores por muito difíceis que sejam, executam-se na bem conhecida

ELECTRO-LISBOA, L. DA

Basta telefonar e, sem mais incomodos, V. Ex.ª receberá o seu Rádio devidamente afinado

ORÇAMENTOS GRATIS

246, 248, RUA AUGUSTA — Tel. 20568

QUEM CONHECE

A «FARINHA 33» não se deixa iludir com imitações. Peçam sempre

FARINHA 33

(Marca registada)

COM 9 ANOS DE CRESCENTE SUCESSO

VENDE-SE EM TODA A PARTE

EX. mas DONAS DE CASA EXIJAM

ATÓMICO

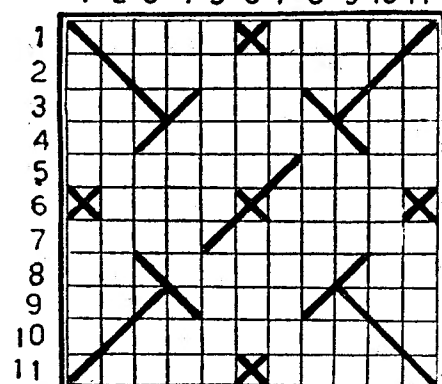
BRILHO DO LAR

Leiam às quintas-feiras o jornal humorístico **SEMPRE FIXE**.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1012

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Uma das ilhas dos Açores. Ave palmípede. 2—Último rei visigodo vencido por Tarik na batalha de Guadalete. 3—Oferece. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica (forma port.). Nota musical. 4—Abreviatura de idem. Caminha velozmente. O mais. 5—Rejeita. Rio do Egipto. 6—Cada um dos pequenitos orifícios da derme. Monte da Turquia da Europa ao sul da Península de Salónica. 7—Negra. Uma das ilhas dos Açores. 8—Letra grega. Chitpe. Lamento. 9—Artigo definido. Braço de rio geralmente navegável. Reis. 10—Inferioridade em numero. 11—Ensejo. No qual lugar.

VERTICAIS: 1—Acrecentar. Cinchos. 2—Sequazes. 3—Andar. Coração. Montão (prov.). 4—Símbolo químico do cobalto. Coadjuvantes de pároco. Símbolo químico do irídio. 5—Destestável. Guarnece. 6—Invulgar. De baixa temperatura. 7—Mais mau. Nome de homem. 8—Símbolo químico da prata. Acerta o tom. Prefixo de negação. 9—Porco. Tritura com os dentes (inv.). Preposição latina que designa direcção. 10—Atraioar. 11—Amofino. Tino.

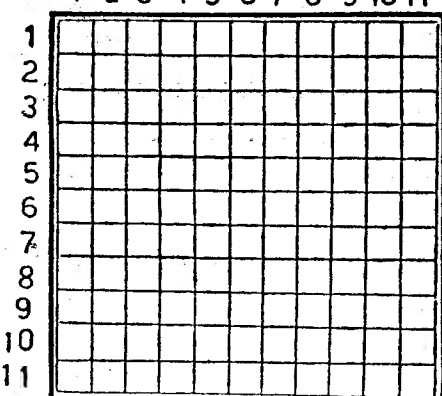
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1011

HORIZONTAIS: 1—Clio. Kepler. 2—Ouvir. Reima. 3—Sc. Ti. Mi. Pe. 4—Oiro. Sittar. 5—Os. Cátedra. 6—No. As. 7—Moderno. Rá. 8—Acervo. Muge. 9—Má. Vi. Tu. Im. 10—Orion. Edita. 11—Sansão. Aras.

VERTICAIS: 1—Coso. Amamos. 2—Lucio. Ocará. 3—IV. Rs. De. In. 4—Oito. Nervos. 5—Ri. Cgrvina. 6—Sa. No. 7—Ermilão. Te. 8—Peites. Muda. 9—Li. Id. Ru. Ir. 10—Empar. Agita. 11—Raeram. Emas.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 118

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: Campo coberto de plantas herbáceas. Segada. 2—Patio anexo aos engenhos de açúcar onde se guardam as canas. Dividem em sesmarias. 3—Pegadeira. Perverso. Letra grega. 4—Compaixão. Anteceder outrem em qualquer coisa. 5—Após. Anel. 6—Preposição e artigo (pl.). Abundância. 7—Apelido. Coria. 8—Enfraquecer. Caminhar. 9—Pronome reflexo. Irmãos do pai. Pai da mãe. 10—Amoleço. Dão pios. 11—Freguesia do Concelho de Guimarães. Boca no fio duma lamina.

VERTICAIS: Embaraçada. Espanta. 2—Riso de escárnio. Aparelho para tecer. 3—Altar. Triturar com os dentes. Símbolo químico do cobalto. 4—Oferece. Boas sinas. 5—Chefe etíope. Ponha a marca da afeição em. 6—Nome por que vulgarmente se designa o comboio expresso de Paris. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. (forma port.). 7—Povoação do concelho de Coimbra. Animal para abater no Matadouro. 8—Dar murros em. Poeira. 9—Prefixo de negação. Vila e concelho do distrito de Coimbra. Lamentos. 10—Executará. Figuras arquitectónicas formadas por dois arcos iguais que se cortam superiormente. 11—Fruto da silva. Perfume.

NOVO ESTABELECIMENTO

Inauguram-se amanhã, às 17 e 30, na doca de Alcantara, lado norte, as novas instalações da Sociedade Metalúrgica Naval, Lda., que, comemorando o facto, nos enviou 50\$00 para os pobres nossos protegidos. Registamos, com os nossos agradecimentos.

Prédio

Moderno, 16 inquilinos, com 14 divisões em cada andar, rendas acessíveis, rendimento 6 %, vende-se por motivo urgente, 3.750 contos. Av. Almirante Reis, 202, r/c., dir., Tel. 52591.

PESSOAL DE ENFERMAGEM
dos Hospitais Cívicos

A classe de enfermagem dos Hospitais Cívicos de Lisboa vai hoje, às 17 horas, agradecer ao sr. dr. Alves Rogadas, enfermeiro-mor, a ordem de serviço, que há dias assinou, de louvor àquele pessoal. Falará a enfermeira sub-chefe sr.ª D. Clara Guerra, sendo oferecido ao sr. enfermeiro-mor um ramo de flores.

MAIS 12.685 CONTOS
para melhoramentos rurais

O «Diário do Governo» publicou um decreto que abre um crédito especial de 12.685.790\$73 para reforçar a verba de «Melhoramentos Rurais». Esta importância corresponde ao saldo das verbas que nos anos anteriores a 1945 haviam sido entregues à Junta Autónoma de Estradas para ocorrer às correspondentes despesas.

UM NOME A FIXAR

Monte Gordo

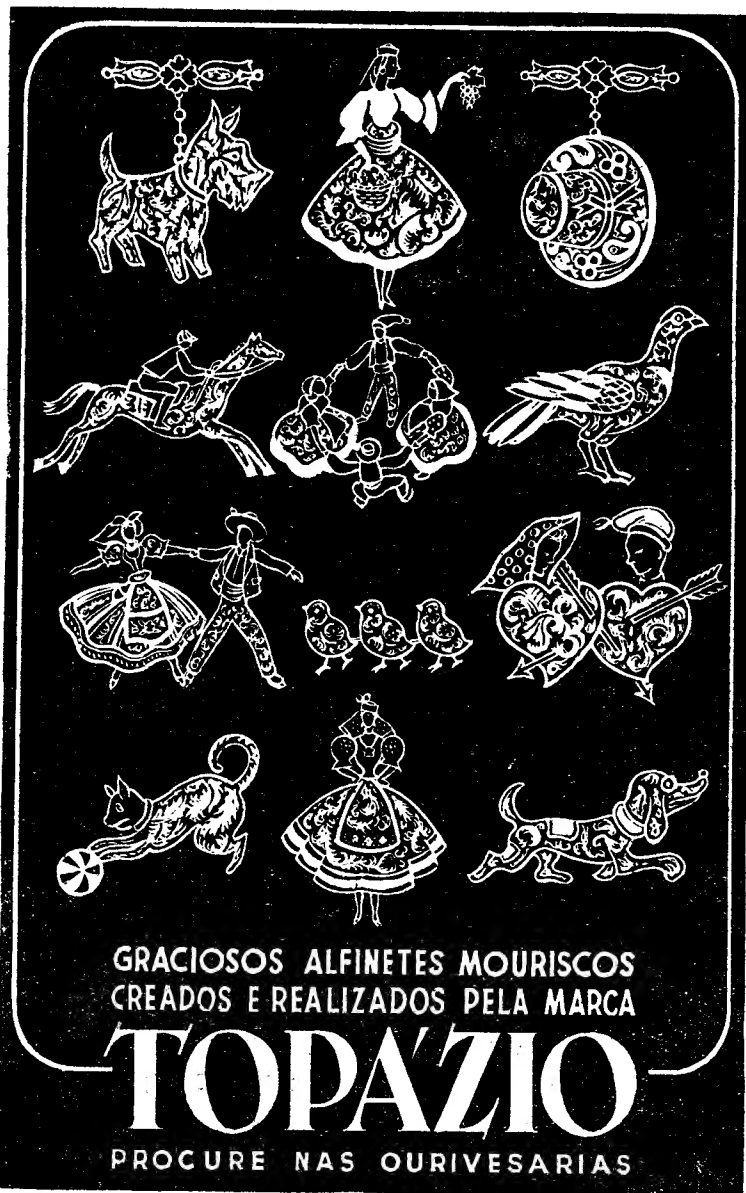
BRANDY DE FINISSIMA
QUALIDADE

IMPORTANTE:

Muitas garrafas deste excelente brandy contêm vales que dão direito às importâncias neles indicadas:

50\$00 — 100\$00

Recomenda-se, por isso, todo o cuidado ao abrir as garrafas, visto que os vales vão metidos nas capsulas.



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Vapor «**AMBRIZ**»

SAIDA EM 7 DO CORRENTE

para **Leixões**

RECEBE CARGA

LISBOA—Rua do Comércio, 79 e 85—Telefs. 2 3021 a 2-3026

A favor da A. N. T.

vai fazer-se a festa

de «Concurso do Vestido de Chita»

No teatro do Ginásio, amavelmente cedido pela Mundial Filmes, realiza-se no próximo domingo, às 16 horas, a festa do «Concurso do Vestido de Chita», oferecida pelo nosso prezado colega «Jornal de Notícias» à Assistência Nacional aos Tuberculosos, para o desenvolvimento da sua obra humanitária. Será precedida de um interessante espectáculo de arte, que o actor Manuel Lereño está a organizar e para o qual conta já com valiosos elementos, do teatro, cinema, rádio e uma orquestra admirável. Ao acto de variedades seguir-se-á o «Concurso do Vestido de Chita», para o qual estão inscritas numerosas costureiras dos melhores «ateliers» de Lisboa, que apresentarão lindos modelos.

A Comissão de Beneficência e Propaganda da Assistência Nacional aos Tuberculosos, que tem a seu cargo a organização do concurso, conta já com importantes elementos para que a festa de domingo no Ginásio resulte o mais proveitosa possível para a obra humanitária que aquele departamento está a realizar.

Concurso do Vestido de Chita

CALDAS DA RAINHA, 3—Realizou-se aqui, no mais lindo recinto do Parque, com uma assistência de milhares de pessoas, a festa do Concurso Nacional do Vestido de Chita, promovido pelo «Jornal de Notícias». Festa ao mesmo tempo elegante e popular, pode considerar-se das mais brilhantes aqui realizadas, tendo sido a sua receita líquida destinada ao Lactário Creche Rainha D. Leonor.

O 1.º lugar foi dado à concorrente Odete Sobral, recebendo, como prémio, um relógio de pulso, oferta do Turismo das Caldas, segundo a classificação pela seguinte ordem até à 6.ª: MariaEfigenia Rodrigues, Maria Luiza de Lacerda Leitão, Maria Helena Tavares, Josefina Alves Inácio e Maria Amélia Zeferino. As restantes foram classificadas por igual, e a todas as concorrentes foram distribuídos prémios, oferecidos pelo Gremio do Comercio e comercio local.

O preço das madeiras
e a compra de mobílias

Acérra de algumas informações e comentários de que fizemos acompanhar a nota dos Serviços de Imprensa da Embaixada britânica, desmentindo que tivesse vindo a Portugal qualquer missão para promover a compra de mobílias, escreve-nos a firma José Olaio & C.ª, Filhos, presidente do Gremio Concelho dos Comerciantes de Moveis e Adornos Domesticos, dizendo-nos que não se registou qualquer retratamento na venda de mobílias, nem o seu preço sofreu qualquer oscilação. Mais nos informa: «quanto à subida astronómica do preço das madeiras», que «não compete verdadeiramente a este Gregio rebater tal informação», mas também nos declara não ter duvidas em declarar essa informação como infundamentada.

Emprêsa de Camionetes
Piedense, Lda.

TRAFARIA

Comunica aos seus Ex.ªs Clientes que a carreira da 1 hora, que se fazia aos Domingos e Feriados de CACILHAS-PRAIA DO SOL, passa a ser diária desde hoje, (De 30 de Junho a 30 de Setembro).

COMBÓIOS DE DESDOBRAMENTO
entre Lisboa e Sintra

Comunica-nos a C. P. que a partir de hoje e enquanto não for possível por em vigor o novo horario de transvias da linha de Sintra, são estabelecidos os seguintes comboios de desdobramento:

Lisboa-Sintra

Partida de Lisboa às 3 e 20 horas, com paragem na estação de Barcarena e seguintes. Chegada a Sintra às 9 e 05 horas.

Partida de Lisboa às 9 e 52 horas, com paragem no Cacem. Chegada a Sintra às 10 e 30 horas.

Os dois comboios acima indicados só se efectuam aos domingos.

Partida de Lisboa às 13 e 55. Chegada a Queluz às 14 e 24 horas, com paragem nas estações intermedias.

Este comboio só se efectua aos sabados.

Partida de Lisboa, às 17 e 45 horas, com paragem na estação de Queluz e seguintes. Chegada a Sintra às 18 e 32 horas.

Este comboio não se efectua aos domingos.

Sintra-Lisboa

Partida de Sintra às 9 e 20 horas, com paragem nas Mercês e no Cacem. Chegada a Lisboa às 9 e 55 horas.

Este comboio não se efectua aos domingos.

Partida de Queluz às 15 e 35 horas. Chegada a Lisboa às 16,00 horas, com paragem nas estações intermedias.

Este comboio só se efectua aos sabados.

Partida de Sintra às 22 e 47 horas, com paragem no Cacem. Chegada a Lisboa às 23 e 21 horas.

Partida de Sintra às 23 e 40 horas, com paragem nas estações intermedias. Chegada a Lisboa às 0,34 horas.

Estes dois comboios só se efectuam aos domingos.

O «Colete Encarnado»

em Vila Franca de Xira

Nos dias 7 e 8, sábado e domingo, próximos, Vila Franca de Xira vai festejar mais uma vez o «Colete Encarnado» que é das mais coloridas e típicas festas portuguesas e sem dúvida a mais ribatejana de todas. Este ano a comissão organizadora das festas, que é presidida pelo sr. major Cunha Nery, presidente da Câmara de Vila Franca de Xira, não se poupou a trabalhos de organização para que a festa resulte brilhante e se evitem os inconvenientes e dificuldades para os forasteiros, tanto em transportes como confortos de alimentação e acomodação. Além da habitual, aparatosa e movimentada entrada de toiros, que se realiza no sábado, às 18 horas, haverá uma parada de campinos e uma sensacional corrida nocturna em que tomam parte os cavaleiros José Casimiro Junior e Alberto Luiz Lopes, os «diestros» Ricardo Torres e Manoel Ortiz, e dois valentísimos grupos de forçados, um de Vila Franca de Xira e outro da Moita. Às 24 horas realizaram-se festivais no mercado municipal com a apresentação de ranchos regionais, arraial, bailes populares, etc.

Para o jantar reservam-se mesas em Lisboa na Pastelaria Benard e em Vila Franca de Xira na Casa João Doti. Assistem à festa do «Colete Encarnado» membros do corpo diplomático e pessoas da melhor sociedade portuguesa.

ASSEMBLEIA NACIONAL

As alterações á Constituição

Na Assembleia Nacional prossegue o debate acerca da proposta de lei de alterações á Constituição e ao Acto Colonial.

O sr. dr. Antunes Guimarães afirmou que os princípios que informam a nossa Constituição são de manter, mesmo ante a crise que o mundo atravessa, mas que as alterações devem ser sujeitas a um plebiscito nacional, como aliás se preceitua no art.º 134 da própria Constituição. A esta opinião respondeu o sr. professor José Alberto dos Reis com esclarecimentos acerca do referido artigo 134, e do 135, dos quais resulta que a proposta em discussão é rigorosamente constitucional.

O sr. dr. Oliveira Ramos acentuou a necessidade de se fixarem princípios de política social que as alterações não traduzem; e o sr. dr. Joaquim Saldanha salientou a conveniência de se rever a Constituição neste momento, entendendo que as alterações propostas, sendo poucas, têm grande importância para a Assembleia e para a administração dos negócios públicos.

EXPOSIÇÃO «IMAGEM DA FLOR»

A III Exposição «Imagem da flor» que a Câmara Municipal de Lisboa tem patente ao público no Palácio Galveias, largo Dr. Afonso Pena, tem sido muito concorrida.

Os inúmeros trabalhos de pintura a óleo, aguarela, gouache, pastel, desenho, arte decorativa e fotografia, que constituem esta certame, continuam em exposição até ao próximo domingo, sendo gratuito o seu acesso.

Na quinta-feira, dia 5, pelas 18 horas, no salão da Biblioteca Central do Município (Palácio Galveias) realiza uma conferência do prof. dr. António de Sousa da Câmara, sob o tema «A vida sentimental das plantas». Em seguida realizar-se-á a distribuição dos prémios conferidos pelo respectivo júri aos expositores de «A imagem da flor».

TAURÓMAQUIA

MADRID, 4.—Carlos Arruza continua melhorando da colúbia que sofreu em Burgos, no domingo passado. Acha-se no Sanatório dos Toureiros, onde o acompanham sua mãe e o irmão. Arruza manifesta desejo de voltar ao toureio quanto antes para evitar prejuízos às empresas. Pensa reaparecer no dia 15 de julho em Mérida, ou o mais tardar em 19 de julho, em Lisboa. Por conseguinte toureará toda a Feira de Valência. (Reuter).

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provável amanhã em Portugal, segundo a previsão do Serviço Meteorológico do Exército:

Ceu encobrendo-se lentamente por W. Nevoeiros matinaes, junto á costa ocidental das zonas norte e centro. Vento dos quadrantes de W, geralmente moderado. Temperatura sem grande alteração.

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje, até às 16 horas, segundo os registos do Observatório Infante D. Luiz: Máxima, 24,8; mínima, 15,7. No mesmo dia do ano passado: Máxima, 25,1; mínima, 15,6.

Restaurante «AS BANDEIRINHAS»

O unico que amanhã tem feijoada á brasileira com a respectiva carne seca.

Poço do Borratém, 17 e 18

Se passar por Samora Correia VISITE A PENSÃO NAZARENO

VINHOS VERDES

da Casa MOURA BASTO, de Amarante

PRODUTOS SELECIONADOS TINTO E BRANCOS

«SOLAR DOS MORLEIROS» e «JOBBER»

AGENTE: J. A. DA COSTA PINA — Telef. 27249

RUA DO ALECRIM, 69 LISBOA

A industria do vidro

(Continuação da página central)

cadoria. Mas nestas condições, como se fala em outra fábrica de vidraça?

—Já sabia? Efectivamente, fala-se de outra fábrica. Espanta, mas é verdade. Coisas nossas... É claro que é preciso contar com aquela percentagem de fantasia que torna os portugueses o povo mais lirico da Terra. Uma empresa conheço eu — precisamente a que pretende agora fabricar vidraça mecânica — que tem, há mais de dez anos, autorização para fazer cimento, sem que até agora haja lançado no mercado um grama desse material, de que o país, aliás, tanto precisa e que, por isso, teria colocação certa. Por outra: põe-se de lado uma industria de éxito seguro e fácil e que corresponderia a uma necessidade nacional, para se entrar em plena aventura, cujo desfecho não poderia ser outro senão aquilo que a lei do condicionamento industrial precisamente quer impedir, quando proíbe a criação de novas fábricas, se as existentes já alimentam o consumo. E' que a poesia anda sempre longe da vida real. O pior é que se não fôra o travão da lei e o bom senso e prudência dos homens práticos e experientes, que não atiram milhares de contos para a fogueira, só porque uns sonhadores, picados de ambição, lhe acenam com Eldorados imaginários — todos nós nos debateríamos no caos e na ruína.

«No caso presente, os capitalistas teriam de contar com prejuízos de milhares de contos por ano, a menos que esperassem que a Covina, gentil e generosamente, cessasse a laboração, para dar lugar ao concorrente... Como vê, não há perigo. Tudo lirismo!

Um produto cujo preço durante a guerra apenas subiu 15 %, apesar das matérias primas custarem 200 % mais

—Em que condições económicas vive a Covina? — quisemos saber.

—Em primeiro lugar, faz o que pode para manter os preços ao nível mais baixo possível. Têm sido postas a correr, com fins evidentes, as mais odiosas falsidades. Que já elevámos os preços em 100 %, desde o começo da laboração da fábrica — é a calunia mais corrente. Mas na minha propria presença, já houve quem atribuisse á Covina lucros... superiores ao montante total das vendas, que nunca foi além de 20.000 contos anuais! São os eternos fantasmas em acção. A aspiração á construção de outra fábrica explica muita coisa. A verdade é esta: nos seus quatro anos e meio de existência — de 1940 a meados de 1945 — a Covina apenas subiu o preço da chapa em 15 % — isto apesar dos seus encargos se terem agravado numa média superior a 200 %! Basta dizer que o custo do combustível — um dos elementos mais importantes desta industria — teve o aumento de 500 %, de 1940 para cá. Como verifica, se o preço da vidraça houvesse sofrido o acréscimo que malevolamente se propala, não faltaria para isso ampla justificação. E todos sabem que não seria caso unico, dentro e fora das fronteiras. Poucos foram os artigos cujos preços não passaram para o dobro, sem excluir os de primeira necessidade, nem os de fundamental importancia no orçamento doméstico.

«A vidraça é o elemento mais barato na construção civil. Na maior parte das vezes, não chega a representar 2 % do valor de uma obra. E na economia doméstica, nada significa. Em média, o gasto por ano e por pessoa não vai além de 20 centavos...

Uma obra social que custou 2.500 contos em 1944. O Brasil — terra bem dita e hospitaleira

«Por tudo quanto lhe tenho dito, já não deve admirar-se do que vou declarar-lhe: o maior dividendo até hoje distribuído pela Covina foi de 8 por cento — numa época em que mais de 90 por cento das empresas portuguesas deram dividendos representativos, pelo menos, do triplo do nosso. A maior soma de dividendos alguma vez distribuídos pela Covina não atingiu, sequer, a importancia dos encargos sociais que suportou em 1944: 2.500 contos. E olhe que os industriais agremiados na Covina tiveram de abandonar as suas anteriores instalações manuais, no valor de milhares de contos.

—Surpreende, realmente. Mas falou de encargos sociais...

—Sim. Não sei se sabe que fomos obrigados a transformar o sistema manual em mecanico. Esta obra impunha-se, não há dúvida, pois Portugal estava atrasado 50 anos, em relação ao resto do mundo. Mas quanto tive de lutar para a realização deste desejo do Governo! Foram anos de trabalhos, de canseiras, de malquerenças, de picuinhas, de intrigas. Tudo sofri e continuo a sofrer. Lembrar-me eu de que, em contraste, cheguei ao Brasil com um projecto e de que, seis meses depois, mercê do apoio geral (o do Governo á frente) estavam organizadas duas poderosas companhias, que, mobilizando dezenas e dezenas de milhares de contos, cons-

truíram rapidamente duas fabricas maiores do que a da Covina, as quais estão em pleno, em triunfante funcionamento! Grande país, que, terá, seguramente, o dominio do futuro! Grandes homens — os que o dirigem! Para lá parto ainda este mês, ansioso por tornar a ver essa terra bem dita e hospitaleira, onde, como em nenhuma outra, floresce a generosidade, a intelligencia, o trabalho, a ansia de civilização e o estímulo a todas as intenções honradas e fecundas!

Um padrão de uma época construtiva e fremente de progresso

—Como lhe ia dizendo — prosseguiu o ilustre industrial — as fabricas manuais fecharam. Já se sabia que o país não comportava senão uma fabrica mecanica e que esta teria vida precaria. Tudo se estudou e se pesou, nas instancias competentes. E a obra fez-se, aí estando como padrão de uma época construtiva e fremente de progresso. Mas era preciso considerar a situação dos operários manuais, que ficavam sem trabalho. Tomámos-los á nossa conta — e todos eles têm pensões vitalicias que se transmitem ás viúvas. Mais: damos subsídios ás mulheres de operários que morreram muitos anos antes da revolução industrial que me coube executar. Estes e outros — os nossos encargos sociais. Viria agora outra empresa beneficiar do nosso sacrificio e do nosso herculeo esforço e inutilizar uma obra que tanto custou e em que o Governo tanto empenho pôs?! Seria absurdo e catastrófico!

—Uma pergunta, ainda: a qualidade do produto português já se equipara á do estrangeiro?

—Absolutamente! Como compreende, não faria uma afirmação da qual não estivesse bem seguro. Digo isto, pensando em alevies lançados por inimigos. A minha responsabilidade na industria internacional não me permite outra linguagem, neste assunto, que não seja a da verdade, daquela austera verdade a que sempre prestaram preito os portugueses de antanho, mormente no exercicio de funções publicas. Aliás, peço licença para supor que ninguém, em Portugal, tem mais autoridade do que eu para falar de chapa de vidro. Por todos os motivos e mais um: tenho ligações com as mais qualificadas empresas do genero, de todo o mundo, e conheço por observação directa o fabrico de muitos países.

Uma empresa genuinamente portuguesa. Mais uma fábrica de vidraça — para quê?!

—Há capitais estrangeiros na Covina? — perguntámos, por qualquer coisa nos ter chegado aos ouvidos a este respeito.

—Percebo o alcance da sua pergunta... Provavelmente, disseram-lhe que tinhamos capitais americanos... Têm-no para aí afirmado.

—E' exacto.

—Pode dizer no seu jornal que isso é redondamente falso. Se fôsse verdade, nada haveria de mau. Mas essa atoarda teve, a seu tempo, um fim que bem se compreende. Não. O unico capital estrangeiro na Covina é de origem espanhola. Não excede, porém, 3 %, e este mesmo entrou em pagamento de assistência técnica. A minha empresa é genuinamente lusitana!

«Não julgue que tenho qualquer relutancia em cooperar com o dinamico capital dos Estados Unidos. Nas minhas empresas do Brasil, há fundos norte-americanos, e a minha associação com potentes organizações americanas é um dos meus maiores orgulhos, especialmente quando me lembro de que sou português. Nunca as minhas maneiras de ver deixaram de ser por elas apreciadas; e não raro, as aprovam. Posso dizer que o nome português é respeitado nos círculos económicos dos Estados Unidos e que tudo faço para que esse respeito aumente cada vez mais.

A nossa digressão fizera-se entre toneladas e toneladas de vidraça por vender. Esse produto vai o estrangeiro absorvê-lo, agora, graças á visão clara e á actividade assombrosa do sr. Lucio Feteira. Mas depois?

Saltamos, pensando melancolicamente na fatalidade que pesa ainda sobre nós — fatalidade que a tancanhez, a inveja o espirito imitativo (em vez do rasgo criador) continuamente agravam. Mais uma fábrica — para quê?!

O governador civil

visitou na Lapa

duas obras de assistência

O sr. comandante Nuno de Brion, governador civil de Lisboa, visitou hoje a Sopa dos Pobres da freguesia da Lapa, que é administrada por uma comissão de senhoras de que fazem parte as sr.ªs condessas de Monte Real, Folgosa, Penha Garcia e D. Joana Folque Soto, as quais são auxiliadas por um grupo de senhoras da freguesia. Esta obra foi instituída há 14 anos e dela beneficiam 163 pobres, diariamente, com uma sopa e um quarto de pão, em que se gastam 30 contos por ano. A maioria das pessoas que ali vão é constituída por mulheres de avançada idade e muitas delas doentes.

O sr. governador civil visitou as dependências da cozinha, provou a sopa que lhe foi presente numa artistica terrina de prata e foi, depois, pessoalmente, vêr a que estava no caldeirão, tomando a concha para verificar se a que lhe deram a provar era tão substancial como a que ia ser distribuída.

A sopa era de feijão com arroz, pelo que o sr. governador civil perguntou se havia dificuldade em adquirir arroz, pois, se houvesse, ele comprometia-se a arranjar-lo em boas condições. As senhoras da comissão agradeceram, e declararam que arroz tinham em abundancia.

A sr.ª D. Joana Folque Soto apresentou as boas vindas ao chefe do distrito e fez uma rápida descrição da fundação da obra. No final uma criança ofereceu uma pequena medalha de Nossa Senhora de Fátima ao sr. comandante Nuno de Brion, para ele oferecer á sua neta.

A direcção do Asilo de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, instituído em 1755, tem, portanto, cerca de 190 anos. Tendo sido uma instituição das mais ricas da sua época, tende actualmente a desaparecer, se a caridade particular ou o Estado não acorrerem em seu auxilio. Este asilo é destinado a internatô de senhoras sós, que não tenham meios para se sustentar, abonando-se a cada uma delas a pensão de sete escudos, sendo a da regente de nove escudos. Por falta de recursos financeiros, o asilo está apenas transformado em recolhimento, vivendo ali 29 senhoras, cujas idades, vão de 50 a 80 anos, angariando elas por vários meios os donativos para se poderem manter. Só três têm um subsidio de 30\$00 por mês da Misericórdia.

O sr. capitão Afonso dos Santos, um dos directores desta instituição, expôs ao sr. governador civil a situação afflicta das senhoras que ali se encontram, para quem pediu a sua protecção. O sr. governador civil prometeu interessar-se pelo caso junto do sr. subsecretário da Assistência, visto ele não poder comprometer-se a dar qualquer verba.

Em seguida, o sr. governador civil percorreu todas as dependências do asilo, onde em todos os quartos das recolhidas, além do asseio irrepreensível, se encontra a nota sentimental dum objecto ou adorno, recordação de uma vida naufragada.

O MINISTRO DA FRANÇA

presidiu a uma festa na Escola Francesa

Na Escola Francesa de Lisboa realizou-se hoje, sob a presidencia do sr. Jean du Sault, ministro da França, uma sessão solene, durante a qual foram distribuídos prémios aos alunos das classes primarias e secundarias de portugueses e franceses.

Assistiram o sr. Pierre Hourcade, director do Instituto Francês, os professores, a inspecção do ensino particular, a direcção da sociedade da Escola, membros da colonia francesa, familias de alunos, etc.

Em seguida foi inaugurada uma exposição de trabalhos escolares.

APP

RÁDIOS
AMPLIFICADORES
RÁDIO-
GRAMOFONES
MUDADORES
AUTOMÁTICOS
DE DISCOS

LUXOR
MOTALA • SUÉCIA

Formou-se na Austria um agrupamento de húngaros pró-nazis

BUCHS (Suíça), 4.—Notícias de Insbruck dizem que um grupo de húngaros, que escapou da Hungria antes da chegada, ali, das tropas russas, se organizou recentemente para fins não explicados sob a designação de «húngaros de boa vontade». Um dos chefes do grupo é, ao mesmo tempo, seu financeiro é o barão Ladislav Vay, que foi subsecretário de Estado no primeiro governo pró-nazi da Hungria desde 1932 a 1936.

As mesmas notícias dizem que um outro chefe do novo grupo é o antigo primeiro ministro pró-nazi, Bela Imredy, que tinha sido dado como preso pelos americanos. O terceiro chefe do grupo é István Fay, que foi durante muitos anos subsecretário da Educação e um dos principais responsáveis pela criação das leis raciais húngaras, pelas quais mais de 600.000 húngaros judeus foram deportados e presos.—(United Press).

Pormenores da morte

de Heydrich Heinrich
que foi «protector» da Boémia

PRAGA, 4.—Heydrich Heinrich, «protector» da Checo-Eslováquia, morreu numa simples cama de ferro, num hospital desta capital, sete dias depois de ter sido agredido a tiro pelos patriotas checos, facto ocorrido há três anos.

Foram agora feitas revelações sobre os pormenores do caso por uma enfermeira do hospital onde Heinrich morreu. Esta enfermeira, Lida Chytilova, declarou que o antigo homem do talho, que era a profissão de Heydrich, morreu, não dos ferimentos recebidos na altura do atentado, mas sim por uma doença de coração. Como se sabe, como represália pela sua morte, as autoridades de ocupação alemãs mandaram arrasar a aldeia checa de Lidice, o que indignou todo o mundo civilizado.

Uma outra testemunha, que falou também sobre o assunto, foi o guarda-freio Vaclav Lastovka, que conduzia um carro eléctrico que chocou contra o automóvel onde Heydrich seguia logo a seguir ao atentado e no qual o seu motorista encontrou a morte imediata.—(U. P.).

A situação na Itália

Houve motins na Apúlia

ROMA, 4.—O chefe do governo, Parri, declarou que tinha sido restaurada a ordem na província de Apúlia, onde bandos armados praticavam actos de terrorismo, atacando a tiro a Polícia, que tentava acabar com as actividades do «mercado negro».—(U. P.).

O processo contra Graziani

ROMA, 4.—Completaram-se as investigações preliminares contra o antigo chefe do Estado Maior do Exército neo-fascista de Mussolini, marechal Rodolfo Graziani. Se for entregue aos Aliados pelo governo italiano, para ser julgado, é possível que seja condenado à morte, depois da degradação, acusado de auxiliar os alemães.—(R.).

Leilão de Livros

Continua hoje, às 21 horas, o leilão duma escolhida biblioteca, que a Livraria Arcádia está realizando e que tem despertado muito interesse. Cal. do Combro, 66 e 68.

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105 - T. 27527

A troca de cartas entre Churchill e Attlee O Primeiro ministro suspenderá o convite para o chefe trabalhista o acompanhar à próxima reunião dos «Três Grandes?»

LONDRES, 4.—O chefe do Partido Trabalhista, Clemente Attlee, respondendo à carta do Primeiro ministro britânico, rejeita o pedido de Churchill para uma declaração conjunta de Attlee e Lasky sobre a posição da Comissão Executiva do Partido Trabalhista. A carta de Attlee foi entregue à Imprensa pouco mais de uma hora depois de o ter sido a carta de Churchill.

O mensageiro com a carta de Churchill chegou a casa de Attlee apenas um pouco antes da meia noite, quando essa carta já fora enviada à Imprensa; por isso, Attlee acrescenta: «Desculpe-me, por isso, o enviar esta minha resposta à Imprensa antes de a minha carta lhe ter chegado às mãos. Estou surpreendido por o senhor, pela primeira vez, invocar a autoridade dum informador não suficientemente qualificado para dar as disposições da constituição do Partido Trabalhista outro significado que não seja o que é por mim aceite e pelos outros que passaram anos ao serviço do Partido Trabalhista. Grande parte das suas preocupações é devida ao facto de não compreender a distinção que existe entre o Partido Trabalhista e o grupo parlamentar trabalhista. Isto leva-o a confundir o trabalho de organização do partido com a acção do grupo parlamentar trabalhista. A despeito da minha clara declaração, o senhor serve-se da imaginação para solicitar o direito de ser consultado. Creio que não aprecia suficientemente a inteligência do público e, por isso, não partilho da sua opinião».

Churchill, na sua carta, dizia que, pessoalmente, não julgava que a controvérsia ficasse satisfatoriamente resolvida «até haver uma declaração pública assinada por Attlee e pelo professor Losky».—(R.).

Churchill insiste em afirmar que um governo trabalhista ficaria na dependência da comissão executiva do partido

LONDRES, 4.—Declarando que a resposta de Attlee deixa «numerosos pontos importantes sem resposta», Churchill afirma: «Segundo a constituição do vosso partido, o trabalho do partido deve realizar-se sob a direcção e fiscalização da conferência do partido» e a Comissão Executiva deve «sujeitar-se à fiscalização e direcção da conferência do Partido».

Churchill pede «uma interpretação real destas disposições», para saber se «a comissão tem poder de convocar os ministros para conferências, a fim

Os bens dos alemães na Suíça

LONDRES, 4.—A rádio suíça anunciou a publicação dum decreto do Conselho Federal congelando os bens dos alemães residentes na Suíça.—(R.).

Patton regressa à Europa

WASHINGTON, 4.—O general Patton concluiu o seu período de férias nos Estados Unidos e partiu já para a Europa, a fim de reassumir o comando do 3.º Exército americano, segundo anunciou o Departamento da Guerra.

O 3.º e o 7.º Exércitos dos Estados Unidos foram, como já se sabe, designados para representar as forças norte-americanas na ocupação da Alemanha.—(U. P.).

de tentar saber da política apresentada pelo Governo à Câmara dos Comuns, tomando em consideração factos e circunstâncias que só o Governo pode conhecer».

A carta de Churchill diz que é claro que a comissão executiva é um corpo fiscalizador do trabalho e da política do partido trabalhista. Além disso, tem poder, em qualquer tempo, para convocar uma conferência, a fim de verificar as acções e conduta dos chefes do partido».

A carta de Churchill é a terceira desta questão, que se está transformando numa das principais armas do Partido Conservador na batalha eleitoral.—(R.).

A Imprensa britânica ocupa-se largamente do incidente

LONDRES, 4.—No primeiro comentário à nova troca de cartas entre Churchill e Attlee, o «News Chronicle» sugere que Churchill possa anular o convite a Attlee para o acompanhar na próxima conferência dos «três grandes». O articulista, que considera a última carta de Churchill como sendo «um tom ainda mais ditatorial» do que a anterior, deduz que as relações entre os dois chefes se tornaram muito tensas.

O órgão oficial do Partido Trabalhista «Daily Herald» refere-se à carta de Churchill dizendo que ela constitui «uma nova tentativa mais desesperada para manter entre os conservadores vivo o mito de que a política externa de qualquer governo trabalhista seria ditada pela comissão executiva desse Partido. O órgão trabalhista acrescenta: «É característico dos conservadores, nesta campanha, entregar a carta a Attlee 30 horas depois dela ter sido facultada à imprensa, de forma que Attlee não tivesse a possibilidade de replicar com a mesma publicidade que teve a carta do Primeiro ministro».

O jornal conservador «Daily Express» declara que a nova carta de Churchill «varreu a pretensão dos socialistas a afastar a controvérsia sobre as declarações do Professor Lasky, dizendo que elas não tinham qualquer relação com os factos. Chegando nas vésperas da partida de Churchill, Eden e Attlee para a conferência dos Três Grandes, em Berlim, este novo incidente causou ontem à noite grande sensação entre os trabalhistas».

O «Daily Herald» proclama que «os trabalhistas vencerão a maioria nas eleições se, em todos os círculos disputados, empregarem o esforço intenso durante as 36 horas que faltam para que se realize, o acto eleitoral». O jornal apela para que a batalha prossiga até à boca das urnas.

A Imprensa conservadora continua a exprimir confiança na vitória de Churchill e exorta os eleitores a «justificar esse optimismo, de forma a dar ao mundo a medida da confiança da Nação no seu chefe».—(R.).

Um novo candidato trabalhista

LONDRES, 4.—O capitão Mark Whitson foi ontem à noite escolhido para candidato trabalhista do Hull Central, em sucessão de Walter Windsor que morreu subitamente no dia 29 de Junho. O escrutínio nesse círculo do Hull realiza-se só no fim deste mês.—(R.).

A atitude dos liberais

LONDRES, 4.—Uma mensagem do Partido Liberal assinada por Sir Archibald Sinclair e Sir William Beveridge diz: «Cada um de nós tem igual determinação de pôr fim ao militarismo nipónico, mas nem todos os partidos estão igualmente decididos a pôr fim aos males sociais, à ignorância e ao desemprego, como nem todos concordam com as medidas necessárias para esse fim».—(R.).

Truman

diz-se confiado
numa vitória
a curto prazo
sobre o Japão

WASHINGTON, 4.—O presidente Truman, numa declaração no Dia da Independência, manifesta a confiança numa rápida vitória sobre o Japão. A declaração foi publicada ontem à noite pela Casa Branca.

Neste ano de 1945—diz—este país teve orgulho de contribuir, de modo assinalável para a derrota do inimigo na Europa. Confiamos que, sob o auxílio da Providência, em breve deveremos derrotar o inimigo no Pacífico. Os cidadãos destas terras compreenderão porque é que a liberdade é tão cara aos corações de todos os homens, encontrem-se onde se encontrarem.

O Presidente prosseguiu:

—Este ano, homens e mulheres das nossas forças armadas, assim como muitos civis americanos, celebram o aniversário da Independência do seu país, através do mundo. Em outras terras, outros se juntarão a nós para honrar a nossa declaração de que todos os homens nasceram iguais e em certos direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à procura da felicidade. Aqui, na metrópole, neste dia 4 de Julho de 1945, celebremos a liberdade da nossa nação, em união com os homens e mulheres das forças armadas que a celebram através do mundo.—(R.).

O director da UNRRA

receia que neste inverno

haja na Europa

fome e epidemias

WASHINGTON, 4.—O director geral da «UNRRA», Herbert Lehman, pediu um plano de 5 pontos para ganhar «a primeira grande batalha da paz»: A batalha da fome e da epidemia, que deve defrontar a população da Europa neste inverno.

Falando pela rádio para o povo americano e para outros países abastecedores, Lehman apresentou o seu plano como segue:

1.º—Os Estados Unidos deveriam pôr de lado 8 milhões de caixas de leite condensado para as crianças mal alimentadas das regiões libertadas. Todos os países preparados para produzir leite condensado para as regiões libertadas o deveriam fazer também.

2.º—Alguns milhões de cabeças de gado dos países abastecedores deviam ser preparados para exportação imediata.

3.º—Deve estabelecer-se o racionamento de sabão nos Estados Unidos.

4.º—Os países abastecedores devem diminuir o seu consumo de gorduras.

5.º—Cada país deve adoptar, como parte da sua política alimentar, o princípio definido de contribuir o mais possível para aliviar as necessidades dos povos das regiões libertadas.

O apelo de Lehman foi feito em face da decisão americana de não exportar qualquer carne para fins de auxílio ao Emprestimo e Arrendamento até, pelo menos, setembro.—(R.).

O orçamento dos Estados Unidos

WASHINGTON, 4.—As receitas e despesas do governo americano bateram todos os «records» no ano fiscal que terminou em 30 de junho, segundo anunciou o secretário do Tesouro, Henry Morgenthau. Pela primeira vez na história, o governo federal gastou mais de 100 bilhões de dólares. As despesas de guerra elevam-se a mais de 90 bilhões de dólares.—(R.).

CAMPISTAS
VISITEM A EXPOSIÇÃO DE MATERIAL DE CAM-
PISMO NO ESTABELECIMENTO DA ESPECIALIDADE
VIEIRA CAMPOS, NA RUA DA PRATA, 215 E 217.

FOI HOJE posto à
venda o n.º 3 de

Ver e crer

CADA ASSUNTO VALE UM LIVRO

3.º número
3.º éxito!

Distribuição da LIVRARIA PORTUGÁLIA — Rua do Carmo — LISBOA